

ADVENTISTAS E O APOIO A HITLER



Baut
Jugendherbergen
und Heime

Sumário

Os Adventistas na Alemanha Nazista	4
1 - Os Adventistas na Alemanha	4
IASD 100% a favor de Hitler	11
1 - Estratagema	11
2 - A Expressão de Falsa Liberdade.....	11
3 - Nenhuma Mudança Realizada	12
5 - Proscrição e Esquecimento.....	14
6 - 100% A Favor de Hitler	14
7 - A Escolha do Povo de Deus	17
8 - Permanecerão Irremovíveis	18
9 - A Correção de uma Falsa Expectativa	19
10 - Consequências Da Liberdade De Consciência	21
11 - Aqui estão alguns excertos do livro:	24
A Igreja Adventista em Péssima Companhia!	27
Documentos Comprovam Apoio da IASD a Hitler Durante a Segunda Guerra Mundial	32
Conferência Geral da Igreja Adventista apoiou divulgação "positiva" do nazismo nos Estados Unidos	38
1 - Os Adventistas do Sétimo dia na Alemanha Nazista	38
2 - O Movimento de Reforma Adventista do Sétimo Dia	42
3 - Apoio a Hitler	46
4 - A Segunda Guerra Mundial	56
5 - Após a guerra	60
O Que Aconteceu com os Adventistas que Disseram NÃO a Hitler - 1	69
1 - Perseguição sob o regime totalitário.....	69
O Que Aconteceu com os Adventistas que Disseram NÃO a Hitler - 2	75
1 - Irmã "fraca na fé" delata missionários disfarçados	75

2 - "O pior ainda está para vir".....	76
3 - Declaração de renúncia de sua "fé louca".....	80
4 - Traído por um ministro adventista diante do tribunal ...	82
5 - Cada dia que surge pode ser o último para mim... ..	84
6 - Querida, amanhã serei executado.....	86
O Que Aconteceu com os Adventistas que Disseram NÃO a Hitler	
- 3	89
1 - Condenado à morte por recusar-se a lutar na guerra ...	89
2 - Querida mãe, hoje é meu último dia... ..	90
3 - Prefiro o castigo da morte, marcada para hoje... ..	93
4 - Encontrou um ministro adventista, soldado de Hitler....	95
5 - A Gestapo exigiu o endereço de todos os irmãos	101
6 - Rapaz de 16 anos recusa-se a portar armas.....	106
7 - Viúva morre após torturas em Auschwitz.....	108
8 - Muitos outros mártires	108
Religião é Simplesmente a Manipulação de Idiotas	114



1 - Os Adventistas na Alemanha



Adventistas com Hitler

Os Adventistas alemães parecem ter sido incoerentes com sua proclamação de liberdade religiosa por ocasião da I Guerra Mundial, entre as duas guerras, e durante a II Guerra Mundial. Na Alemanha imperial, a maioria dos Adventistas adotaram um nacionalismo extremado e a colaboração militar ativa. Um autor Adventista argumentava em dezembro de 1915 que 'a Bíblia ensina, primeiro, que participar da guerra não se opõe ao sexto mandamento; e

segundo, que combater no sábado não transgride o quarto mandamento.' Entretanto, depois da guerra, em uma reunião da Divisão Europeia em Gland, Suíça, em 2 de janeiro de 1923, os dirigentes da igreja na Alemanha reconheceram o equívoco de sua política, e confessaram sua lealdade à comunidade Adventista mundial.

Esta declaração, no entanto, foi enfraquecida por um pronunciamento adicional que reconhecia que cada membro possuía '**absoluta liberdade para servir a seu país, em todo momento e em todo lugar, de acordo com os ditames de sua convicção e consciência pessoal.**' Essa declaração permitiu aos adventistas alemães repetir o engano da I Guerra mundial durante o regime de Hitler sob o Terceiro Reich.

Como observou corretamente Erwin Sicher em 'As Publicações Adventistas do Sétimo Dia e a Tentação Nazista,' os Adventistas falharam em numerosas maneiras em relação ao regime nazista. Já em 1928, antes de que Hitler chegasse ao poder, os adventistas estavam pedindo um *Führer* forte. Artigo após artigo tratava desse ideal do *Führer* em escritos alemães e em publicações Adventistas.

Mais tarde, os escritores Adventistas deram as boas-vindas, em suas publicações e também com seu voto, ao aparente renascimento da Alemanha. No povoado adventista de Friedensau, 99,9% tinham votado pelo estado parlamentar nazista. Quando alguns adventistas se recusaram a saudar a bandeira com a suástica e fazer a saudação hitleriana, o Presidente da Associação da Alemanha Oriental, W. Mueller,

argumentou que isso era mau para a imagem da igreja. Terminou dizendo que 'sob nenhuma circunstância têm os adventistas direito a resistir ao governo, ainda que o governo os impeça de exercer sua fé. A resistência poderia ser inoportuna porque marcaria os Adventistas como opositores ao novo estado, uma situação que se deveria evitar.

Outro proeminente escritor adventista e editor de várias publicações religiosas Adventistas, Kurt Sinz, via o forte comando de Hitler no começo do regime nacional-socialista como designado por Deus. Otto Bronzio foi um passo mais à frente, pois disse no periódico oficial adventista, *Der Adventbote*, que 'a Revolução Nacional Socialista era a maior de todos os tempos, porque fazia da preservação de uma herança pura a base de sua vida étnica.' Alguns sugerem que o que ele quis dizer possivelmente foi tirado de uma citação destacada de Hitler - sobre a questão do sangue - que aparecia na mesma página.

Esta idéia de uma 'herança pura,' instigada por Hitler e proclamada através da nação alemã, também afligia os adventistas alemães. Embora o racismo explícito raramente aparecesse em publicações adventistas, os adventistas imprimiam com freqüência comentários negativos com relação aos judeus, apoiavam tacitamente a esterilização dos mentalmente incapazes, e muitos foram apanhados pelo estimulado orgulho do nacionalismo alemão.

A mesma doutrina da superioridade da Alemanha sobre outras nações foi transferida à educação Adventista na Alemanha, onde se estimulava os estudantes a aprender a ter vontade e a pensar em Alemão. Ter vontade em alemão era um conceito místico nazista; porque, no pensamento do Partido, os alemães 'tinham vontade' de diferente maneira que quaisquer outros cidadãos. O educador W. Eberhardt insistia, além disso, que as escolas Adventistas alimentavam 'o Espírito Nacional Socialista' entre períodos de classes, quando revisavam as notícias, estudavam os ideais nazistas, e cantavam canções nacionais alemãs.

Com uma crescente pressão para uma maior colaboração, muitos adventistas de todos os grupos de idades ingressaram em organizações nazistas, como a Juventude Hitleriana, a BDM (Associação de Moças Alemãs), o Serviço Trabalhista, e a Cruz Vermelha alemã. Todos estes clubes estavam desenhados para fins de doutrinação nazista, e embora os Adventistas soubessem que um percentual significativo dos participantes no Serviço Trabalhista eram membros da SA, SS, e Stanhelm, os grupos mais fanáticos que doutrinavam e militarizavam aos jovens, aprovavam a participação nos clubes.

Johannes Langholf apoiava fortemente ao Serviço Trabalhista. Ele escreveu no *Aller Diener*, "Esperamos que cada membro obedeça o mandamento divino, 'orar e trabalhar'. Seria absolutamente contrário à nossa compreensão se nos recusássemos a participar do Serviço Trabalhista." Patt sugeria que a razão principal para que os

Adventistas ingressassem na Frente Trabalhista Nazista era o desemprego e as dificuldades econômicas, e que "a maioria dos operários adventistas sucumbia à pressão e se convertiam em membros do serviço trabalhista para salvar a suas famílias." Entretanto, ingressar em uma organização partidária não era obrigatório, e alguns ingressavam no Partido também.

Na Alemanha, os adventistas apoiaram a política externa nazista e, finalmente, a guerra. A possível falta de acesso a informação confiável e, como resultado, um conceito errôneo da verdadeira situação, levou-lhes a acreditar que o *Führer* era "um homem de paz". Quando a Áustria foi incorporada ao Reich, os adventistas alemães "compartilharam a felicidade da volta dos austríacos de volta à mãe pátria". Acreditavam que com a ajuda de Deus e "através da assistência divina ao nosso capaz *Führer*, Adolf Hitler se tornou o libertador da Áustria." Mesmo depois da liquidação da Checoslováquia em 16 de março de 1939, os Adventistas ainda não fizeram objeção. E até para esse ato de crueldade e opressão, encontraram alguma justificação.

Então veio o ataque contra Polônia, que toda a Europa reconheceu como um ato de agressão. Entretanto, em um editorial, Sinz pôde escrever que, em vista das "desumanas torturas que nossos camaradas do povo sofreram entre este povo estrangeiro," o ataque alemão foi provavelmente justificado. Os Adventistas continuaram apoiando ao Hitler, e celebraram seu quinquagésimo aniversário 11 dias depois de que a guerra tinha avançado para o Oeste com a invasão

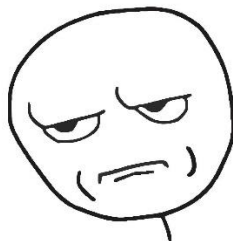
da Dinamarca e Noruega pela Alemanha em 9 de abril de 1940. O periódico Adventista *Morning Watch Calendar*, embora impresso quatro meses antes, dizia:

"A confiança em seu povo deu ao Führer a força necessária para levar adiante a luta pela liberdade e a honra na Alemanha. A inabalável fé de Adolf Hitler lhe permitiu fazer grandes proezas, que lhe adornam hoje diante de todo mundo. Desinteressada e fielmente, lutou por seu povo; valorosa e orgulhosamente, defendeu a honra de sua nação. Com humildade cristã, em momentos importantes quando podia celebrar com seu povo, deu honra a Deus no céu e reconheceu sua dependência das bênçãos de Deus. Esta humildade o tem feito grande, e esta grandeza foi a fonte de sua bênção, da qual sempre deu para seu povo. Só uns poucos estadistas brilham tanto ao sol de uma vida abençoada, e são tão elogiados por seu próprio povo como o *Führer*. Ele sacrificou muito nos anos de seus esforços, e pensou pouco em si mesmo durante a difícil obra em favor de seu povo. Comparamos as inumeráveis palavras que ele disse ao povo como vindas de um coração cálido, como sementes que amadureceram e agora produzem frutos maravilhosos".

É irônico que, embora os adventistas insistam sobre a liberdade religiosa, não levantaram suas vozes contra a perseguição de incontáveis judeus. Em vez disso, até excluíram de suas igrejas os que tinham antecedentes judeus. No período em que os adventistas alemães publicavam a revista sobre liberdade religiosa *Kirche und*

Staat (um observador de fora notou que seu propósito principal era a oposição às leis dominicais), guardaram silêncio a respeito das purgações (eliminações) de 1933 quando centenas foram assassinadas, e não disseram nada contra a perseguição dos judeus ou a respeito dos territórios ocupados. Embora alguns adventistas individuais aparentemente resistiram à tentação nazista, Sicher mostrou, a partir de publicações contemporâneas, que 'não parece ter existido nenhuma oposição oficial ativa ao desumano regime nazista, e nem sequer parece ter existido entre os próprios adventistas.' O comentário do Sicher é uma apresentação desafortunada, mas honesta do Adventismo alemão na primeira metade do século vinte.

1. A Igreja Silenciosa, os Direitos humanos e a Ética Social Adventista. Zdravko Plantak
2. *St. Martins's Press, Inc., New York, N.Y., 1998. [Texto extraído das págs. 17-21]*
3. Fonte:
4. <http://www.libertymagazine.org/html/Ingerman.html> em 06/03/2001.
5. Em espanhol:
6. http://www.geocities.com/alfil2_1999/ASDs_en_Alemania_Nazi.html.





1 - Estratagema

Com uma luz tão gloriosa derramada em seu caminho, o Movimento da Reforma, que permaneceu firme aos antigos princípios estabelecidos, abriu caminho não apenas na Europa mas também em outras regiões. Como aumentou em membresia e influência, a liderança da grande Igreja Adventista do Sétimo Dia reuniu-se em Gland, Suíça, em 2 de janeiro de 1923, para debater sobre o problema da guerra e também para encontrar alguns meios para impedir o rápido crescimento do Movimento da Reforma. Como não encontraram meios de corrigir o problema que levou o surgimento do Movimento da Reforma, os líderes adventistas valeram-se de um estratagema. Em uma aparente confissão, condescenderam em dizer: “Na paz e na guerra, rejeitamos participar em atos de violência e derramamento de sangue.”

2 - A Expressão de Falsa Liberdade

Se tivessem deixado o assunto neste ponto, como uma declaração positiva, teria havido esperança de resolver o cisma na organização. Porém a atitude anterior persistia sob outra formulação: “Mas concedemos a cada um dos

membros absoluta liberdade para servir ao seu país, em todos os momentos e em todos os lugares, **segundo os ditames da consciência de cada um.**” – Gland, Suíça, 2 de janeiro de 1923 (ênfase nossa).

Isto, na nossa opinião, é o mesmo que dizer, não acreditamos na guerra, mas faça o que a sua consciência lhe disser! Novamente, são introduzidos os enganos traiçoeiros de uma liberdade de consciência que viola o dever e a obediência à lei de Deus. Esse estratagema trouxe ainda mais confusão, além de qualquer imaginação. Além disso, foi, para dizer o mínimo, uma admissão de que eles erraram quando enviaram os nossos irmãos para a guerra em 1914. Mas agora, em vez de confessarem este terrível engano àqueles que sofreram as consequências até mesmo ao ponto de serem excluídos da igreja, concordaram em um conselho particular sobre esta nova posição enganosa. Esta declaração levou todas as marcas de uma falsa confissão provocada por causa dos resultados da apostasia deles. Os reformistas foram então forçados a rejeitar esta nova posição desde que ela não restaurava a posição fiel e legítima deles nem trazia o padrão bíblico.

3 - Nenhuma Mudança Realizada

Além de tudo isto, a nova posição não se realizou por meio de nenhum governo ou declaração como uma emenda às declarações anteriores, como é evidentemente revelada em uma resposta recebida em inquérito. Citamos o breve

excerto a seguir de uma carta datada de 30 de dezembro de 1927, do Ministério das Forças Armadas em Berlim, Alemanha, endereçada ao Quartel-General da Escandinávia do Movimento da Reforma em Copenhague, Dinamarca:

“Incluídos nos arquivos do Ministério das Forças Armadas está o manuscrito de 6 de agosto (não 4) de 1914, assinado por H. F. Schubert. ... “Mudanças ou emendas ao manuscrito de 6 de agosto de 1914, **não foram aceitas.**” (ênfase nossa). Ser-lhe-á mais claro o que isto significa depois.

Os jovens adventistas foram ainda convocados como soldados na ativa prontos para o combate; e o documento Gland que informava que rejeitavam “participar em atos de violência e derramamento de sangue”, realmente não foi digno de crédito. Os nossos temores a este respeito foram justificadas como mostraremos a seguir.

4 - Prova 2: Desenvolvimentos

Enquanto os países europeus estavam ainda resolvendo o encontro sangrento de 1914-1918, e ainda estavam sendo pressionados pelas indenizações exigidas pelo Tratado de Versalhes às vítimas, um político estava surgindo e levando vantagem da situação humilhante com o objetivo de atrair as nações para um outro conflito fatal. O “Furher”, Adolfo Hitler, sob falsa pretensão e com um zelo nacional fanático, criou uma fantástica máquina militar com poder

extraordinariamente fatal. Suas primeiras manobras arrojadas obtiveram sucesso reunindo a nação alemã ao seu redor em uma unidade satânica e cada vez mais as nações aliadas amargaram um cerco terrível. Neste entusiasmo selvagem, a religião foi esquecida e foi substituída pela idolatria nacionalista. "Heil Hitler!" tornou-se a saudação comum (De fato, "Salvação em Hitler").

5 - Proscrição e Esquecimento

Este Movimento da Reforma foi logo colocado em risco. Nossa posição positiva contra a violência e o derramamento de sangue, além da observância do dia de descanso idêntico ao dia de descanso dos judeus, que foram adversários declarados de Hitler, naturalmente sofreu provações e perseguições. Não demorou muito até que os fatos começassem a ocorrer. O Movimento da Reforma foi declarado como inimigo do Estado e publicamente proscrito pelo edito de 28 de fevereiro de 1933, No. 1; e em 29 de abril de 1936, foi oficialmente proscrito e toda propriedade confiscada. Voltaremos ao assunto depois.

6 - 100% A Favor de Hitler



Estudantes do ministério adventista em fila com uniforme nazista em frente do seminário Friedensau para serem passados em revista 16 de outubro de 1936.

O Adventobe (O Mensageiro Adventista), órgão oficial da Igreja Adventista Alemã, de 1 de janeiro de 1937, mostrava os estudantes do ministério Adventista em Friedensau alinhados em uniformes nazistas em frente ao seminário enquanto oficiais do governo os inspecionavam. Foi declarado: "Friedensau pertence àquelas comunidades que têm votado 100 % favorável ao Fuhrer."

Um ex-presidente da Conferência Geral (o pastor C.H.Watson – 1931) até mesmo respondeu uma pergunta ao dizer: "Podemos louvar a Deus por temos o governo atual. Hitler recebeu o seu poder de Deus."

Temos toda uma série de declarações das publicações oficiais dos Adventistas do Sétimo Dia que revelam que os líderes da Igreja Adventista elogiaram Hitler como uma dádiva dos céus. Embora estes líderes estivessem um tanto sob pressão no princípio, uma enfermeira adventista (Hulda Jost), que conhecia Hitler pessoalmente, intercedeu por eles.

Como consequência, as igrejas permaneceram abertas em uma base de acordo; mas isto foi raramente mantido. A Igreja Adventista uniu-se pela Segunda vez com “os reis da terra” em total apostasia, lutando e morrendo a favor de Hitler e seus guerreiros.



C.H. Watson

Declarações em documentos adventistas, tais como esta a seguir, demonstram a triste tendência: “Estamos agora no meio de um tumulto de eventos de mudanças de amplidão mundial. Uma grande época deve encontrar um grande homem ... Portanto, não somente nos submetemos de boa vontade mas também com muito prazer realizaremos cada trabalho requerido. Para aqueles que perderam suas vidas nesta realização podemos citar as palavras de Jesus: ‘Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.’ (João 15: 13). Lembremo-nos de todos os homens que lutam e especialmente nossos irmãos, que estão preparados para arriscar as suas próprias vidas pela terra natal e por aqueles que são deixados para trás. Vamos também orar a favor do Fuher e seus associados.” – Adventobe, 1 de outubro de 1939.

O Espírito de Profecia previu que a liderança manifestaria os sentimentos acima:

“Há uma perspectiva diante de nós de um conflito continuado, risco de encarceramento, perda de propriedade,

e até mesmo da própria vida, para defender a lei de Deus, que é anulada pelas leis dos homens. Nesta situação de política mundial exige-se uma condescendência exterior com as leis da terra, a favor da causa da paz e da harmonia, e há alguns que até mesmo citam o conselho da Escritura: 'Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas.'" – *Testimonies*, vol. 5,p.712.

Isto foi o que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto a irmã White previra o que aconteceria depois: "um pouco tempo de paz":

"Uma vez mais os habitantes da terra foram apresentados diante de mim; e novamente tudo estava na mais extrema confusão. Lutas, guerra, e matança, com fome e pestilência, assolação em toda parte." – *Testimonies*, Vol. 1, p. 268.

7 - A Escolha do Povo de Deus

Lembremos a clara declaração em *Testimonies*, Vol. 9, p. 17, que declara:

"Provas e provações assustadoras aguardam o povo de Deus. O espírito da guerra está agitando as nações de uma parte a outra da terra. Contudo no meio da hora da tribulação que vem - um tempo de tribulação como nunca

houve desde que há nação – **o povo escolhido de Deus suportará a prova.**” (ênfase nossa).

O fato que permanece é este: nas duas provas e tribulações rigorosas a nominal Igreja Adventista do Sétimo Dia falhou completamente. Apostataram. Contudo, desde que foi dito: “ O povo escolhido de Deus suportará a prova,” é óbvio que haveria um remanescente que “SUPPORTARÁ A PROVA”. São chamados “O povo escolhido de Deus”, indicando que Deus os tem escolhido, o Remanescente escolhidos da grande apostasia, para serem seu povo. A esta escolha o profeta Oséias apontou ao dizer: “... tratarei com amor aquela que chamei Não amada. Direi àquele chamado Não-meu-povo: Você é meu povo; e ele dirá: ‘Tu és o meu Deus’” **Oséias 2:23.**

8 - Permanecerão Irremovíveis

Voltemos agora mais uma vez para o grupo minoritário de membros fiéis, proscritos e esquecidos pelo decreto nacional. Qual o preço que pagaram? Entraram para a história manchados pelo sangue dos mártires que enfrentaram a prisão, tortura e até mesmo a morte, em vez de desonrarem o seu Deus e a sua santa lei. Sim, muitos foram lançados em prisão e um grande número selaram suas convicções com o seu próprio sangue. Escreva-nos para receber o livro *And Follow Their Faith!* (E Seguiram a Sua Fé!) descrevendo suas experiências. Provaram-se “fiéis até a morte”, e há uma coroa da vitória esperando por

eles. Louvemos ao Senhor por estes firmes defensores da verdade neste Movimento da Reforma. Na verdade, foram verdadeiros na sua fé. Estes são exemplos dignos para seguirmos no último teste da lei dominical, que surge agora diante do povo de Deus. Provar-nos-emos fiéis, querido estudante? Que Deus nos conceda esta bênção!

9 - A Correção de uma Falsa Expectativa

Um enorme problema permanece sem resposta. Você pode perguntar: "Você intenciona abalar a nossa confiança nos irmãos líderes do adventismo com estas lições?"

Você pode lembrar que na Lição 4 enumeramos muitos apelos a favor de uma reforma. Portanto uma reforma era obviamente adequada. Mas ela começaria com a liderança, a qual estamos propensos a observar? Ouça o conselho divino:

"O Senhor freqüentemente opera onde menos pensamos; Ele nos surpreende pela revelação do Seu poder por meio de instrumentos de sua própria escolha, enquanto Ele passa pelos homens a quem temos considerado como aqueles por meio de quem a luz viria. Deus anela que recebamos a verdade através dos seus próprios méritos. – porque ela é a verdade ...

"Aqueles que não têm o hábito de pesquisarem as Escrituras por si mesmos, ou de verificarem as evidências, têm

confiado na liderança dos homens, e aceitam as decisões promulgadas por eles; e assim muitos rejeitarão as verdadeiras mensagens enviadas por Deus ao seu povo, se esta liderança não as aceitarem. " - *Testimonies to Ministers*, pp. 106, 107.

Isto está em perfeita harmonia com a forte expressão anterior usada por Jeremias em **Jer. 17:5**: "Assim diz o SENHOR: Maldito é o homem que confia nos homens, que faz da humanidade mortal a sua força, mas cujo coração se afasta do SENHOR."

"Aqueles aos quais é pregada a mensagem da verdade, raras vezes perguntam se ela é verdadeira, mas sim: 'Por quem é ela defendida?' Multidões a avaliam pelo número dos que a aceitam; e faz-se ainda a pergunta: 'Creu qualquer dos homens eruditos ou dos guias religiosos?' Os homens não são hoje em dia mais favoráveis à verdadeira piedade, do que nos dias de Cristo." - *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 459.

Não, não desejamos enfraquecer a sua confiança na verdadeira liderança. Foi o grande Presidente Abraão Lincoln que disse: "Não sou um homem obrigado a vencer, mas sou obrigado a ser verdadeiro. Não sou obrigado a ser bem sucedido, mas sou obrigado a viver de acordo com a luz que possuo. Devo permanecer com alguém que é correto, e permanecer com ele enquanto estiver correto, e separar dele quando se desviar." Possa estas palavras serem também a filosofia de nossa vida.

10 - Consequências Da Liberdade De Consciência

“Respeitamos a Lei de Deus contida no decálogo como explicada nos ensinamentos de Cristo e exemplificada pela sua vida. Por esta razão observamos o dia de descanso do sétimo dia (Sábado) como tempo sagrado; nos abstermos do trabalho secular neste dia, mas empenhamo-nos alegremente em obras de necessidade e piedade a favor da assistência aos que sofrem e a elevação moral da humanidade; na paz e na guerra rejeitamos participar em atos de violência. Concedemos a cada membro de nossa igreja absoluta liberdade para servir ao seu país, todas as vezes e em todos os lugares, segundo os ditames da consciência de cada um.” - Gland, Suíça, 2 de janeiro de 1923.



Membro da Comissão Executiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Yugoslávia 1925

ROMÊNIA 1924

“O serviço militar e a participação na guerra não estão fazendo uma aliança com o mundo, nem defendendo a Babilônia. A participação na guerra é simplesmente um dever; com respeito à guerra os nossos jovens também cumprirão o dever deles no dia de descanso.” - *Prophecy*, por P.P.Paulini, p.39.

YUGUSLÁVIA 1925

“O ensino da Escritura que diz: ‘Dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus’ corresponde aos adventistas em todo sentido. Atendem conscienciosamente ao tempo do serviço militar que é requerido deles, com armas nas mãos, na paz assim como na guerra; e um número significativo de adventistas foram provados na Guerra Mundial por meio de sua coragem, e muitos trazem no peito uma medalha do mais alto reconhecimento em razão da sua bravura.” - *Adventizam*, p.53.

RÚSSIA 1924 e 1928

“Estamos convencidos que Deus por meio da sua providência, guiou o coração de nosso inesquecível W.J.Lenin, e deu-lhe e também aos seus companheiros sabedoria para trazer as únicas e oportunas declarações para o mundo hoje. Por esta razão os Adventistas do Sétimo Dia querem ser os melhores cidadãos na crença na República Socialista Federal. A doutrina dos Adventistas do Sétimo Dia permite aos seus membros a liberdade de consciência com respeito ao dever militar, e não tenta ditar-lhes como eles devem agir , considerando que cada pessoa deve ser responsável por si mesmo com respeito ao problema militar, de acordo com a sua própria consciência.” - Presidente H.J.Loeb sack, Comitê da Conferência.

“O sexto congresso dos Adventistas do Sétimo Dia, em 1928, declara e decide que os Adventistas do Sétimo Dia são obrigados a dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, a saber, servir o estado pelo exército em todas as formas de serviço, de acordo com a lei estabelecida para todos os cidadãos.” – Resolução tomada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia da Rússia, Moscou, 19 de maio de 1928.

11 - Aqui estão alguns excertos do livro:



Página 18:

“Nosso irmão ancião em Cristo, Otto Welp, que na Primeira Guerra Mundial sofreu quatro anos de perseguição pela sua fé, foi um dos primeiros líderes a dar um claro testemunho que não poderia participar na política, no serviço militar de forma direta ou indireta, devido ao ensino de Cristo vedando isto e os crentes foram instruídos a permanecerem afastados. Por toda parte, especialmente os irmãos dirigentes do Movimento da Reforma deram o mesmo testemunho tanto por meio da palavra quanto da escrita. Consequentemente, já em 29 de abril de 1936, o Movimento da Reforma do Sétimo Dia foi proscrito. Reproduzimos a carta do Ancião (do Comando da Polícia para a Política), que lemos como segue: ...”

Página 27:

“Em 1941, Guenter Pietz, que já mencionamos anteriormente, foi levado para o Campo de Auschwitz devido à sua recusa de trabalhar no dia de descanso. Após seis semanas foi solto por um breve tempo. Seus pais, irmãos e irmãs não o reconheceram; todos gritaram quando viram o jovem magro. Por quase um ano pode alegrar-se na liberdade, contudo foi alistado para o serviço de mão-de-obra, onde permaneceu durante três semanas. Durante este tempo, visitou os crentes, fortalecendo-se, e regozijava-se com eles na verdade. Então recebeu a convocação para o serviço militar e foi levado para Halle, onde encontrou o irmão Pacha, seu bom amigo e companheiro cristão. Ambos

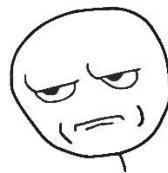
começaram a combater e recusar o serviço militar. No comando de Himmler, os dois foram fuzilados no mesmo dia por causa da resistência fiel deles. Ambos foram bons amigos na vida e na morte, e ambos permaneceram firmes na confissão de fé.”

Página 53:

“Os campos de concentração foram um mundo sem Deus – ainda mais, um mundo contrário a Deus. Nenhum tipo de atividade religiosa por parte dos residentes foi permitida; todo artigo religioso foi proibido; até mesmo toda oração murmurada foi proibida. Nem mesmo aos que agonizavam foi concedido este alívio. Todos os assuntos religiosos eram zombados e escarnecidos.

“Com respeito aos internos, a SS (Schutzstaffel) não sentia nenhuma restrição a nenhum dos mandamentos de Deus, nem mesmo o código natural de ética que Deus pôs no coração de todo ser humano, até mesmo nos corações dos pagãos.” -- Estudo da Reforma, Curso por Correspondência, Lição 14, "Uma Falsa Confissão". Tradução: Benedito Tenório.

Fonte: <http://ims.truepath.com/reform/refles14.html>





A Igreja Adventista em Péssima Companhia!

"A doutrina da reforma da saúde levou os Adventistas do Sétimo dia da Alemanha a endossar o regime nazista no verão de 1933. Ele se regozijavam com o fato de que a nação estava agora nas mãos de um homem "que recebe esse ofício das mãos de Deus e reconhece ser responsável diante dele. Como um abstêmio, não-fumante e vegetariano, Hitler é a pessoa que mais se aproxima do ideal da reforma de saúde." Essa opção adventista pela temperança e o viver saudável equilibrou a balança das opiniões, embora sua aversão à carne de porco pudesse provocar suspeitas." - Robert N. Proctor, um veterano historiador de Ciências da Universidade Estadual da Pennsylvania. - Traduzido de

<http://www.nytimes.com/books/>

A notícia da participação do Pastor Elizaphan Ntakirutimana na morte de centenas de irmãos no episódio que ficou conhecido como "o Massacre de Rwanda" não foi a primeira grave acusação de envolvimento adventista em crimes contra a humanidade. Um artigo recentemente publicado pela revista Liberty confirma o apoio denominacional a Hitler. Mas deixe-me contar como foi que cheguei até esse artigo...



1. Inicialmente me surpreendi com o final do parágrafo traduzido abaixo, onde se lê que os Adventistas do Sétimo Dia "estavam entre os mais ardorosos defensores do Nacional-Socialismo" de Hitler:

"Mentiras sobre o Nacional-Socialismo Alemão

"Uma overdose de maliciosa desonestidade é dirigida contra a Nova Ordem Européia de Hitler. Por exemplo, existe um esforço permanente para manipular cristãos com a idéia de que Hitler teria sido o azougue do Cristianismo. Na verdade, Adolf Hitler recebeu apoio explícito de clérigos cristãos,

católicos e luteranos. **Entre as pequenas seitas, os Adventistas do Sétimo Dia e as Novas Igrejas Apostólicas estavam entre os mais ardorosos defensores do Nacional-Socialismo, desde muito antes que Hitler chegasse ao poder.**" - Traduzido de <http://www.natvan.com/free-speech/fs9612a.html>.

2. Em seguida, em outra *homepage*, que descreve toda a História do comprometimento da liderança da Igreja Adventista com os governantes deste mundo, sejam eles de direita, centro ou esquerda, descobri que os que se uniram aos "reformistas", que desde a primeira grande guerra foram contrários à participação de adventistas em combates, tiveram muitas razões para se desligar da Igreja que apoiava Hitler!



"Entretanto, a posição oficial de que os soldados adventistas serviriam apenas como não-combatentes foi mais uma vez desconsiderada na Alemanha Nazista, onde um posicionamento prematuro e impensado da liderança adventista levou a maioria dos recrutas a optar imediata e voluntariamente pelas armas embora existisse o consenso de que poderiam escolher entre guerrear ou prestar serviços de socorro médico. Os adventistas alemães abandonaram suas características para expressar seu apoio incondicional ao regime, elogiando Hitler e seu Nacional-Socialismo com entusiasmo e até delatando os irmãos pacifistas às autoridades para que não fossem confundidos com eles. Desse modo, foram eliminadas as tensões com o regime e sobreviveram intocados a despeito das muitas similaridades entre suas crenças e práticas com o Judaísmo.- - Texto traduzido de <http://shemesh.scholar.emory.edu>

3. Mas a história toda, inclusive do presidente da Associação Alemã Oriental que obrigou os irmãos a saudarem a bandeira da suástica para não prejudicar a imagem da Iasd, é contada pela revista **Liberty**:

"No povoado adventista de Friedensau, o Estado parlamentar Nazista obteve 99,9% dos votos. Quando alguns adventistas se recusaram a saudar a bandeira suástica e usar a saudação de Hitler, o presidente da Associação Alemã Oriental, W. Mueller, argumentou que essa atitude não fazia bem à imagem da igreja. Ele concluiu que 'sob nenhuma circunstância o adventista tem o direito de resistir ao governo, ainda que o governo o obrigue a

contrariar sua fé.' *A resistência seria inconveniente porque rotularia os adventistas como oponentes do novo Estado, uma situação que se deveria evitar.*" - Texto traduzido de <http://www.libertymagazine.org/html/Ingerman.html>.

Convém ler todo o artigo, que pode ser encontrado no endereço acima. E é bom saber que a revista *Liberty* é editada pela Divisão Norte-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Não se trata, portanto, de uma acusação de terceiros. É uma confissão! Pena que não tenha sido seguida de arrependimento verdadeiro, uma vez que não temos notícia de que a Associação Geral tenha pedido perdão aos judeus, aos irmãos reformistas (cuja recusa em guerrear vinha desde a primeira guerra) e a toda a humanidade pela infeliz escolha feita pelo Presidente da Associação Alemã Oriental.

Resta ainda uma reflexão final. Quando surgir o Anticristo, último grande ditador que este mundo conhecerá, de que lado ficaremos? De que lado ficará a liderança da Igreja Adventista?

Robson Ramos

Este artigo foi publicado originalmente na homepage [IASD Hoje](#).



Documentos Comprovam Apoio da IASD a Hitler Durante a 2ª Guerra Mundial

Quando Hitler chegou ao poder em 1933, ordenou um rearmamento em larga escala e passou a executar seus planos de conquista. A doutrina nazista exigia que a Alemanha mais uma vez se tornasse uma grande potência militar. Isto tornou evidente que a Segunda Guerra Mundial não estava muito distante.

Após a Primeira Guerra Mundial, dizia-se que a a Igreja Adventista do Sétimo Dia não repetiria o erro cometido em 1914-1918. Contudo as evidências revelaram, para o nosso grande desapontamento, que ainda seguiam o mesmo modo de proceder. Finalmente, irrompe outra guerra mundial, e nossos irmãos adventistas tiveram nova oportunidade de provar que se colocavam ou a favor ou contra a lei de Deus. Se realmente lamentassem o que fizeram durante e após a Primeira Guerra Mundial, tiveram agora excelente oportunidade de se redimirem de sua passada falta. As declarações abaixo citadas, de seus próprios escritos, mostrarão como eles agiram.

1. Na Alemanha

"Estamos agora em meio a uma tempestade de acontecimentos que abalam o mundo....



"Em silenciosa adoração, agradecemos a Deus que, em Sua sábia providência deu o *Fuehrer* ao nosso povo."

"Nunca devemos esperar que nos países deste mundo sejam realizados os princípios do reino de Deus. Eles têm suas próprias legislações, segundo a vontade de Deus. Se não fosse assim, a Escritura Sagrada não poderia falar das mesmas como sendo ordenadas por Deus. Por isso é que nos sujeitamos, não só voluntariamente, mas de bom grado, a cada serviço exigido de nós. Quem neste (serviço) perder sua vida bem poderá gloriar-se com as seguintes palavras: 'Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém sua vida pelos amigos'. (João 15:13). Lembremo-nos dos nossos varões combatentes, e particularmente dos irmãos que arriscam suas vidas pela pátria e pelos que ficaram em seu lar! Oremos também pelo Fuehrer e seus colaboradores." *Der Adventbote* [Periódico adventista publicado na Alemanha] 1/10/1939.

"Enquanto nossos irmãos, pais e filhos, além das fronteiras se empenhavam na mais feroz batalha, apanhando-se, de vitória em vitória, pela grandeza e futuro da pátria, sentimos a intervenção de Deus no mundo, nos acontecimentos testemunhados nestas poucas últimas semanas. Em silenciosa adoração, agradecemos a Deus que, em Sua sábia providência deu o *Fuehrer* ao nosso povo.

"Ao mesmo tempo não podemos como também não queremos permanecer calados. Isso provamos no passado e agora estamos novamente provando, porque é uma santa decisão pôr em ação a vontade de Deus. O orgulho que como compatriotas alemães sentimos nas grandes vitórias de nossos soldados, é para nós um novo incentivo para imitá-

los na frente de batalha da pátria e mais conscienciosamente empregar nossa força para a vitória." *Was tun die Adventisten in der Wohlfahrtspflege?* [Relatório do Serviço Social Adventista de 1939, na Alemanha].

"Jamais esqueceremos o momento em que nos foi anunciada a entrada em vigor do armistício com a França. ...

"Recobramos a coragem, pusemo-nos a trabalhar e, como estávamos diante das necessidades, lutamos como nunca dantes. E Deus inverteu a balança do destino ao nosso favor.... A Alemanha crê nos sacrifícios que humanamente fizemos até os limites de nossa capacidade, e também crê num Deus que está abençoando nossa batalha humana. Este sentimento foi expresso em palavras alegres porém humildes, e se implantou em nossos corações ao ser cantado em santas melodias e à medida que ressoavam dos campanários. E permanecerá até a última etapa da batalha, que nos trará a vitória sobre o último adversário, e então teremos paz.

"Quão gloriosa é a hora da vitória! Nós, que uma vez fomos ignominiosamente enganados acerca da vitória e da paz justa, provamo-la agora, com calmo e profundo júbilo, todavia sem qualquer arrogância.... Isto não é mera fraseologia hipocritamente piedosa; é uma declaração feita com o sentido da responsabilidade perante Deus. ...

"Luta e sacrifício ainda serão necessários. Para quê? Ora, isto é suficientemente claro. Pensar na vitória significa

pensar em tarefas ingentes. Um povo que não pôde ser intimidado por quaisquer inimigos armados ou ameaças, não se eximirá aos últimos esforços em direção ao alvo, nem a tarefas futuras, não importa quão grandes sejam. Fomos colocados neste mundo para lutar e trabalhar. ..." *Der Adventbote* [Periódico adventista publicado na Alemanha], 15 de julho de 1940.



Os adventistas do sétimo dia na Alemanha e Áustria recentemente pediram desculpas por qualquer participação nas atividades nazistas, ou em apoio a elas, durante a guerra. A foto é de um cartão de identidade de um adventista de origem judaica que foi eliminado do rol de membros da Igreja na Alemanha Max-Israel Munk, quando os nazistas deram ordem para se fazer tais exclusões. Após sobreviver a prisão em dois campos de concentração, Munk retornou para casa após a guerra e solicitou reintegração como membro, o que lhe foi concedido. [Foto: AdventEcho magazine, Germany]

"Como soldados de vanguarda, deixamos nossos lares e nossos negócios e aqui estamos para defender a pátria

nestes postos mais avançados." *Der Adventbote* [Periódico adventista publicado na Alemanha], 1 de junho de 1941.

"Vivemos hoje em tempos momentosos e agitados, em que nosso destino jaz diante das mais graves decisões e pesadas tarefas. Estamos em meio a uma guerra terrível e total. Esta batalha está sendo sem dúvida travada direta e principalmente por nossos soldados no exterior, no *front*, mas como esta é a maior luta possível, a nação inteira nela toma parte. Todos os compatriotas alemães são no mesmo grau combatentes e por isso todos devem agir e lutar como soldados no pleno sentido da palavra. Devem ser bravos, cautelosos, abnegados, e demonstrar senso do dever, como se o resultado dependesse de cada um individualmente. Deste modo, a vitória está igualmente implantada no coração de cada um de nós. Qualquer que seja o posto em que estejamos, cumpre-nos provar, cada dia e cada hora, que somos guerreiros valentes, dignos de nossos heróicos irmãos do campo de batalha. Só um pensamento nos deve hoje dominar: Como posso ajudar a alcançar a vitória? Para este alvo devemos dirigir todas as nossas comissões e omissões, toda a nossa fala e nosso silêncio, todos os nossos desejos e exigências. Esta extensíssima guerra requer de todos os companheiros alemães os máximos e mais elevados esforços em todo um tempo de expectativa, sofrimento, sacrifício e luta." *Gegenwarts-Fragen* [Periódico adventista publicado na Alemanha], 7 de novembro de 1941. -- *A Mensagem de Deus ao Povo do Advento*, Estudo 11: "Objeção de Consciência ou Combatência", págs. 39-41, publicado pela Editora Missionária A Verdade Presente.



Conferência Geral da Igreja Adventista apoiou divulgação "positiva" do nazismo nos Estados Unidos

Hermano de Jesus -- Editor 12 de fevereiro de 20173

1 - Os Adventistas do Sétimo dia na Alemanha Nazista

Por Corrie Schroder



A pre-World War II, Adventist-German "Ingathering" can? Probably not

A Alemanha nazista era um lugar horrível para pequenas igrejas denominacionais porque não tinha nenhuma

liberdade religiosa. Uma pequena denominação que sobreviveu foi a Adventista do Sétimo Dia. Quando Adolf Hitler subiu ao poder na Alemanha, a denominação dos Adventistas do Sétimo Dia na Alemanha (doravante chamada os adventistas) achava que era o momento para um líder forte na Alemanha. Hitler parecia o melhor candidato por causa de "sua dedicação pessoal e seu abstinência do chá, do café, do álcool e da carne, práticas compartilhadas pelos adventistas; [portanto,] foi recebido como salvador". [1]

Espero assinalar isto por causa da disposição em transigir, por parte das pessoas decentes na denominação adventista alemã, em relação com os problemas morais que se enumeram mais abaixo, até ao ponto em que chegaram ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Terminaram em acordo, perda de integridade pessoal e denominacional, cisma na denominação e dano racial como denominação cristã porque seus membros não puderam se manter fiéis aos princípios de suas crenças. Enlaçaram a denominação com o Estado alemão, renunciando à sua liberdade religiosa numa tentativa por sobreviver por meio de acordos ou pactos. Esta posição de transigir atraiu vergonha sobre a denominação alemã, bem como à denominação mundial, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Os adventistas evoluíram doutrinariamente a partir do movimento interdenominacional millerista de 1831. Os

adventistas crêem na liberdade religiosa, até ao ponto em que a igreja e o Estado devem permanecer separados. Também são objetadores de consciência. Quando aos adventistas se lhes requerem que ingressem na forças armadas, solicitam postos nos quais não têm que portar armas como, por exemplo, o corpo médico. Os adventistas têm 27 crenças fundamentais.

As seguintes quatro crenças fundamentais que se mencionam a seguir são as que correspondem a meu tema:

1. As "Sagradas Escrituras, o Antigo Testamento e o Novo Testamento, são a Palavra de Deus escrita". [2]

2. A Deidade ou a Trindade: "Há um Deus: o Pai, o Filho, e o Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas co-eternas". [3]

3. Os dons espirituais e os ministérios. "Deus concede a todos os membros de sua igreja em todas as épocas does espirituais que cada membro deve empregar em amoroso ministério para o bem comum da igreja e da humanidade". [4]

4. A conduta cristã. "Somos chamados a ser pessoas piedosas que pensam, sentem, e atuam em harmonia com os princípios do céu". [5]

A denominação adventista não se organizou oficialmente senão em 21 de maio de 1863, ainda que o nome tinha sido escolhido em 1860. Nessa época, o movimento incluía 125

igrejas e 3.500 membros. [6] A Igreja Adventista estendeu-se primeiro por toda a América do Norte. Após 1874, a denominação se estendeu por toda Europa. Em 1888, L.R. Conradi se converteu no fundador da Igreja Adventista alemã. Conradi estabeleceu os escritórios principais da Igreja Adventista em Hamburgo, Alemanha, em 1889. [7] Conradi também estabeleceu a primeira escola adventista alemã próximo a Magdeburg, chamada Seminário Missionário Friedensau.

Um adventista na Alemanha tinha muitas dificuldades. As duas principais eram: uma, que seus filhos tinham que assistir à escola nos sábados, que os adventistas consideram como dia de repouso. A segunda, era o serviço militar obrigatório. [8] O recusar enviar aos filhos à escola e não ingressar ao serviço militar eram castigados com o cárcere. O problema com as escolas se resolveu com um arranjo. As autoridades governamentais permitiram aos meninos adventistas estudar suas Bíblias enquanto estavam na escola nos sábados. [9]

O serviço militar apresentava dois problemas: trabalhar aos sábados e portar armas. Estes problemas nunca se resolveram realmente, mas “os examinadores médicos do exército começaram a encontrar toda classe de desculpas para recusar aos recrutas adventistas”. [10] Esta rejeição dos varões adventistas terminou quando começou a Primeira Guerra Mundial. Isto causou um problema dentro da denominação dos adventistas na Alemanha.

2 - O Movimento de Reforma Adventista do Sétimo Dia

O Movimento de Reforma Adventista do Sétimo Dia ocorreu por causa da controvérsia a respeito do serviço militar. Durante a Primeira Guerra Mundial, as igrejas adventistas alemãs pertenciam a diferentes uniões, do norte, do sul, do leste e do oeste, mas todas estavam sob a guia e o controle da Divisão Européia. Os escritórios principais da Divisão Européia estavam situados em Hamburgo, Alemanha. O problema principal era que a maioria dos membros que serviam como dirigentes da divisão vivia fora da Alemanha e que, por causa da guerra, as viagens e as comunicações eram difíceis. [11]

Com o começo da guerra e a mobilização de tropas na Alemanha, os dirigentes adventistas alemães decidiram que “os varões adventistas podiam entrar ao serviço militar e servir como combatentes, e até ignorar a tradicional observância do sábado”. [12] Isto causou grandes problemas dentro da comunidade adventista, porque os adventistas sempre tinham servido nas forças armadas como não-combatentes.

Os militares rasos achavam que o participar na guerra ativamente quebrantava o quarto e o sexto mandamentos bíblicos. [13] O quarto mandamento diz: “Lembra-te do sétimo dia para o santificar”.

Quando se entra para o serviço militar, a observância do quarto mandamento já não é uma prioridade porque as

partes em guerra não têm em conta em que dia o fazem. O sexto mandamento diz: "Não matarás". Se alguém desempenha o papel de combatente na guerra, é quase impossível não matar a ninguém.

Durante a Guerra Civil norte-americana em 1864, os adventistas declararam:

"A denominação cristã chamada Adventistas do Sétimo Dia, tendo a Bíblia como regra de fé e prática, crêem unanimemente que os ensinamentos da Bíblia são contrários ao espírito e a prática da guerra; por esta razão, sempre se opuseram a portar armas por razões de consciência". [14]

Mas, durante a Primeira Guerra Mundial, os adventistas alemães opuseram-se à Conferência Geral e decidiram ser combatentes em vez de permanecer como não-combatentes. Isto fez que um pequeno grupo de Adventistas se separasse do grupo principal da Igreja Adventista alemã. Esta pequena seita se autodenominou Movimento de Reforma Adventista (chamados doravante os reformistas). Os reformistas achavam que estavam permanecendo "fiéis à lei de Deus ao sustentar a posição original, como se tinha ensinado e praticado até esse momento". [15]

Estavam permanecendo fiéis porque se recusaram ser combatentes durante a Primeira Guerra Mundial. Para os reformistas, era aceitável ingressar para as forças armadas como não-combatentes, mas ingressar como combatentes ia contra a lei de Deus e as doutrinas da Igreja Adventista.

Após a Primeira Guerra Mundial, os dirigentes adventistas alemães reconheceram que se tinham equivocado ao dizer que ingressar no exército como combatente não ia contra a lei de Deus. Durante a reunião da Divisão Européia, em Gland, Suíça, em 2 de janeiro de 1923, os dirigentes adventistas alemães, para demonstrar que ciam no papel de não-combatente, declararam que estavam em completa "harmonia com os ensinamentos gerais de seus irmãos dessa denominação no mundo inteiro". Mas, esta declaração ficou debilitada pelo pronunciamento adicional, que dizia: "Concedemos a cada um de nossos membros da igreja absoluta liberdade para servir a seu país, em todo momento e lugar, de acordo com os ditames de sua pessoal convicção de consciência". [16]

Os dirigentes adventistas alemães disseram à Conferência Geral que eles estavam errados em sua política durante a Primeira Guerra Mundial. Tinham reconhecido seu erro e estavam novamente em "harmonia" com os ensinamentos e doutrinas da denominação adventista. Mas, achavam que seus membros tinham direito de escolher seu próprio caminho. O que isto significava era que os dirigentes alemães achavam que os adventistas deviam continuar sendo não-combatentes, mas achavam que seus membros podiam decidir por sua conta ser combatentes ou não. Esta declaração causaria problemas no futuro.

Após esta reunião, havia ainda uma brecha entre os Adventistas do Sétimo Dia e o Movimento de Reforma Adventista, uma brecha que era necessário fechar. L. R.

Conradi, presidente da Divisão Européia, tratou de justificar as ações dos adventistas alemães explicando que a Conferência Geral tinha “dado uma aprovação tácita aos adventistas alemães”. [17] Esta aprovação tácita era a de permitir que os adventistas alemães trabalhassem nos sábados e portassem armas.

Esta explicação só piorou as coisas entre os adventistas e os reformistas. Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, a Conferência Geral enviou uma delegação, encabeçada por A. G. Daniells, para que tratasse de fechar a brecha entre os adventistas e os reformistas. Daniells disse que os “dirigentes [adventistas] da igreja tinham estado errados, mas também criticou aos reformistas por ter estabelecido uma organização separada e utilizar táticas confusas para promover seus pontos de vista”. [18]

Ao final, os reformistas foram desfraternizados da Igreja Adventista do Sétimo Dia. [19] Os reformistas decidiram criar sua própria igreja, a qual “recusava participar em todo serviço militar e fazia questão de uma rígida observância do sábado”, [20] e “continuará com os ensinamentos e práticas originais da Igreja Adventista do Sétimo Dia”. [21]

Os reformistas já não achavam que fora aceitável ser não-combatente em tempo de guerra. Achavam que os adventistas já não seguiam os ensinamentos originais da igreja. Em Gotha, Alemanha, nos dias 14 a 20 de julho, de 1925, “o Movimento de Reforma ASD organizou-se pela primeira vez oficialmente como uma Conferência Geral, quando se

redigiram os 'princípios da fé e o ordem eclesiástico' e se adotaram o nome de Movimento de Reforma Adventista do Sétimo Dia". [22]

3 - Apoio a Hitler

Do povo adventista de Friedensau, Alemanha, cerca de 99,9% votou a favor do Estado Parlamentar Nazista. Ainda que os adventistas queriam um Führer forte e apoiavam a Hitler, esse apoio variava. A razão disso eram as contradições de Hitler sobre a liberdade religiosa. O secretário departamental da Conferência da União alemã, M. Busch, apoiava a Hitler e "com aprovação citava a afirmação de Hitler em Mein Kampf de que 'para o Führer político, todos os ensinamentos religiosos e todos os arranjos são intocáveis'". [23]

Os adventistas achavam que Hitler estava a favor da liberdade religiosa, enquanto o partido nazista apoiava o cristianismo positivo sem se atar a nenhuma confissão em particular. [24] Este era um problema debatível entre os grupos cristãos porque ninguém sabia o que significava o cristianismo "positivo". Este problema nunca se resolveu e a contradição permaneceu. Quando Hitler se converteu em ditador da Alemanha, terminou a discussão da contradição e, muito cedo, os grupos cristãos saberiam que queria dizer Hitler com de cristianismo "positivo".

Em 26 de novembro de 1933, o Estado Nazista proibiu as igrejas denominacionais pequenas. Entre as igrejas

proibidas estava a Igreja Adventista. Os adventistas decidiram procurar conselho legal sobre que fazer a respeito da proibição e, a duas semanas, a proibição foi suspensa para a denominação adventista. [25] Após isto, decidiu-se na denominação que cristianismo "positivo" significava apoio ao Estado Nazista.

Para demonstrar seu apoio ao Estado Nazista, os adventistas enviaram uma carta ao "Ministério Nazista do Interior e um memorandum oficial a respeito dos ensinamentos adventistas, organizações da igreja, atividades sociais e a atitude em relação às autoridades governamentais". [26]

Os adventistas também informaram ao ministério do interior que os "membros da igreja tinham 'atitudes alemãs'". [27] Assinalando que as suspeitas e a preocupação do governo deveriam se dirigir a um "grupo cismático rival, o Movimento de Reforma Adventista, cujas atitudes, insistia a Igreja Adventista do Sétimo Dia, estavam longe de ser 'alemãs'". [28] Parece que os adventistas estavam mais interessados em ter atitudes alemãs que em ter atitudes adventistas.

Foi por causa desta carta que o governo nazista fixou as atenções na denominação Movimento de Reforma Adventista. Ao tratar de se distanciar dos reformistas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia conduziu o governo nazista até aqueles. As autoridades governamentais pesquisaram aos reformistas e decidiram que tinham pontos de vista diferentes dos declarados pela denominação Adventistas do

Sétimo Dia, que eram aceitáveis. [29] Então os reformistas foram proscritos em 29 de abril de 1936. [30]

Os Adventistas do Sétimo Dia crêem na liberdade religiosa, mas, em vez de proclamar que se sentiam ultrajados pela perseguição contra os reformistas e os judeus, os dirigentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia decidiram tomar ações contra estes dois grupos. Os dirigentes adventistas “geraram instruções para evitar que os reformistas ingressassem à Igreja Adventista”. [31] E expulsaram da igreja aos adventistas que tinham antecedentes judeus. [32]

Os adventistas não estavam dispostos nem sequer a proteger a seus próprios membros e achavam que as autoridades governamentais nazistas o desaprovavam. O estado pôde controlar a igreja porque não tinha liberdade religiosa. Com isto não queremos dizer que os adventistas individuais não ajudaram aos judeus ou a outros indesejáveis. Alguns adventistas foram notáveis “pela ajuda particular e individual que deram aos judeus, porque não só os judeus conversos foram cuidados e ocultados, como o foram em alguns outros círculos sectários e eclesiásticos, senão que os adventistas também ajudaram a judeus não batizados com os quais os adventistas entravam em contato por acaso”. [33]

Em 1935, foram proibidos os privilégios de que desfrutavam os adventistas, como a observância do sábado, a venda de literatura religiosa, a transferência de dinheiro necessário para a obra missionária e certas publicações. [34]

Isto fez com que os adventistas alemães reconsiderassem sua posição sobre a liberdade religiosa de manter separados à igreja e ao estado. Sabiam que a Alemanha nazista projetava uma má imagem no exterior por causa da maneira com que tratava às pequenas igrejas denominacionais cujos escritórios principais estavam nos Estados Unidos.

Se as denominações menores estavam dispostas a melhorar a imagem nazista no exterior, o governo nazista estava disposto a ser um pouco indulgente com essas denominações. Este foi o ponto de partida para que a denominação dos adventistas alemães sacrificasse a integridade e os princípios denominacionais básicos. A denominação "trabalhou com as autoridades alemãs para cultivar uma melhor imagem da Alemanha nazista nos Estados Unidos, a fim de obter um melhor tratamento em seu país". [35] Isto se conseguiu por meio do programa adventista de assistência social.

O sistema de assistência social adventista do Sétimo Dia era considerado o melhor na Alemanha. Sua organização da assistência social fez com que os adventistas se sobressaíssem. Por meio de seu sistema de assistência social, a Igreja Adventista pôde demonstrar seus "princípios cristãos e sua patriótica lealdade ao Estado". [36]

O governo nazista ficou satisfeito com a obra que os Adventistas estavam desenvolvendo, mas não com a linguagem. Em vez da palavra "cristão", usou-se a palavra "heróico". [37] O SISTEMA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

ADVENTISTA FOI INCORPORADO AO ESTATAL DEPARTAMENTO DE BEM-ESTAR SOCIAL DO POVO NACIONAL SOCIALISTA. A incorporação se opunha a sua crença de que a igreja e o estado devem permanecer separados.

Os adventistas alemães receberam de bom grado a incorporação de seu sistema de assistência social. Achavam que poderiam fazer mais coisas e ajudar a mais pessoas. Mas, com a incorporação, os adventistas tinham que obedecer às leis do Estado, as quais prescreviam que não deviam receber ajuda nem judeus, nem anti-sociais, nem indesejáveis. [38] Por sua própria conta, os adventistas acrescentaram que nenhum membro do Movimento Adventista de Reforma receberia ajuda. [39]

Os adventistas não estavam ajudando a mais pessoas. De fato, estavam discriminando às pessoas que mais precisavam de sua ajuda. Junto com os programas de assistência dos adventistas, as reformas de saúde e a higiene racial converteram-se em importantes. (grifos nossos).

Os Adventistas achavam que, junto com seu programa de assistência social, seus ideais de saúde estavam a preparar o caminho para uma nova Alemanha. Adolf Minck, que cedo seria presidente da Igreja Adventista alemã, disse: "Não estamos despercebidos para a nova ordem. Após tudo, ajudamos a preparar o caminho para ele e auxiliado em criá-lo". [40]

O problema com o apoio ao governo nazista em seu programa de saúde era que as autoridades nazistas acreditavam nos princípios do darwinismo. A posição denominacional adventista se opunha aos princípios darwinistas. Os Adventistas alemães sacrificaram este princípio em favor do governo nazista.

Para se ganhar o favor do governo nazista, os Adventistas mudaram o que estava escrito em suas publicações e reformaram sua mensagem sobre a saúde. Os Adventistas “com freqüência imprimiam comentários negativos sobre os judeus”. [41] Também trataram de demonstrar que, ainda que os ensinamentos Adventistas sobre o sábado parecessem judaicos, eles não eram judeus. [42] Os adventistas também acreditavam no programa de esterilização.

Algumas declarações diretas e a reimpressão de artigos não adventistas demonstrava seu apoio à esterilização. [43] Os mentalmente débeis, os esquizofrênicos, os epiléticos, os cegos, os surdos, os paráliticos, os alcoólicos, os dependentes químicos – todos deviam ser esterilizados. “Esta lei” – disse um artigo na publicação adventista Jugend-Leitstern – “é um grande progresso no melhoramento de nosso povo”. [44]

A posição dos Adventistas alemães mudou de “caritas”, o cuidado dos menos afortunados e dos débeis, para a eliminação dos débeis, como a obra de Deus. Seu forte braço direito tinha levado os Adventistas alemães a uma posição “volkisch”. [45]

Os adventistas tinham criado “um sistema de assistência social bem organizado e eficiente, que parecia adaptar-se bem ao trabalho com as autoridades estatais”. [46] Este sistema permitiu que Hulda Jost fosse reconhecida pelo regime nazista.

Hulda Jost era diretora de assistência social adventista e chefe da Associação de Enfermeiras Adventistas. Esta associação manejava vários asilos e proporcionava pessoal para numerosos hospitais na Alemanha. [47] Desta posição, ela podia estabelecer contatos dentro do governo nazista e fora da Europa. Também era um grande apoio para Hitler e seu regime.

Por causa de seus contatos, Hulda pôde ajudar para que a denominação Adventista sobrevivesse durante os primeiros anos. Isto também a converteu no melhor candidato para viajar aos Estados Unidos e falar em nome do governo nazista.

A viagem de Hulda Jost aos Estados Unidos foi planejada para 1936 porque a sessão quadrienal da Conferência Geral teria lugar em San Francisco. O escritório principal Adventista, em Washington, D. C. enviou-lhe um convite. Seu itinerário foi planejado entre o escritório principal Adventista e o Ministério Alemão de Ilustração Pública e Propaganda. Jost chegou com vários meses de antecedência para viajar por todos os Estados Unidos e falar sobre os serviços de assistência social alemães. [48]

Uma vez nos Estados Unidos, Jost se reuniu com J. L. McElhany, vice-presidente da Conferência Geral, e seu intérprete, Louise C. Klauser. Jost também teve uma reunião na embaixada alemã, onde se lhe disse que evitasse as controvérsias políticas e que falasse somente sobre os lucros no setor de serviço social. [49] Jost falou dos progressos da Alemanha sob Hitler a organizações Adventistas e de outras classes.

[Clique neste link para baixar e ler, em inglês, a edição da **Adventist Review** em que a fala de Hulda Jost na reunião da Associação Geral foi transcrita.](#)

Não foi senão até abril quando surgiram problemas por causa das conferências de Jost. Os problemas começaram sobre uma reunião com uma organização pró-nazista chamada Amigos da Nova Alemanha, que o cônsul alemão tinha estabelecido. O Chicago Daily News publicou uma reportagem sobre Jost sob o título "Hitler não quer a guerra, diz líder". [50] No artigo, ela é citada dizendo que Hitler não queria a guerra e que os alemães estavam rearmando-se porque temiam a Rússia. Quando se lhe perguntou pelos judeus, Jost disse: "Hitler apenas quis tirar a liderança aos judeus, mas não lhes quer fazer dano". [51] Este foi o princípio dos problemas que a Conferência Geral teve com Jost.

Os problemas aumentaram enquanto ela esteve em Denver, porque Jost se tinha distanciado de muitos de seus ouvintes durante uma conferência ao falar muito de Hitler e a questão

judia. [52] Aos dirigentes Adventistas parecia que Jost estava fazendo discursos propagandísticos sobre Hitler e seu regime. Já não dirigia sua atenção aos Adventistas nem ao sistema de assistência social na Alemanha.

Quando ainda estava em Denver, Jost foi chamada à parte e o administrador sanitário de Boulder lhe pediu que limitasse sua conferência ao evangelho porque eles não queriam escutar nenhuma propaganda hitleriana. [53]

Após suas conferências em Denver, a Conferência Geral decidiu que seria uma boa idéia manter a Jost com uma rédea curta. A Conferência advertiu a cada uma das pessoas com as quais Jost devia entrar em contato para suas conferências. Ainda que a Conferência Geral pensasse que Jost se havia convertido numa desvantagem para o final de suas conferências nos Estados Unidos, o propósito de sua missão se havia cumprido. Essa missão era “corrigir a imagem distorcida da Alemanha”. [54]

Jost e os dirigentes Adventistas alemães achavam que tinham cumprido com seu dever nos Estados Unidos e esperavam que o governo nazista fosse mais indulgente com a denominação Adventista. Mas, enquanto eles estavam nos Estados Unidos, o governo alemão aprovou um novo decreto dispondo que todos os meninos em idade escolar assistissem a aulas nos sábados e que aos meninos adventistas já não se lhes permitia estudar suas Bíblias em classe. [55] Tinha também soldados que tinham dificuldades para guardar no sábado. [56]

Jost escreveu uma carta aos oficiais superiores que conhecia queixando-se deste novo decreto. Ela falou de como os adventistas estiveram apoiando o governo nazista e da obra que ela estava fazendo nos Estados Unidos para melhorar a imagem do governo nazista. Joseph Goebbels até escreveu uma carta por sua própria conta ao Ministério de Igrejas do Reich, mas o decreto não foi revogado. [57] Este foi um caso no qual as conexões de Hulda e a viagem a Estados Unidos não ajudaram aos Adventistas. Mas há outros casos que mostram que era útil ter um aliado poderoso.

Um caso assim foi o da investigação que a Gestapo conduziu a respeito de algumas enfermeiras que pertenciam à Associação de Enfermeiras Adventistas e que tinham sido despedidas porque eram consideradas politicamente indignas de confiança. [58] Jost se molestou pelas dispensas e não achava que o relatório da Gestapo fosse correto, assim, logo pediu a seus amigos do Ministério de Propaganda que o examinassem. O relatório do Ministério de Propaganda concluiu que as enfermeiras eram “politicamente sem culpa”.

Outro exemplo das conexões de Jost ocorreu em 1937, quando um amigo no Ministério de Igrejas – que tinha um contato na Gestapo – advertiu a ela a respeito dos planos para dissolver a denominação Adventista. [59] Com a ajuda de seus amigos, Jost pôde colocar-se em contato com oficiais superiores na Gestapo e deter o esforço para dissolver a denominação Adventista. [60]

Em março de 1938, Hulda Jost faleceu. Jost achava que tinha ajudado a denominação Adventista a sobreviver durante os primeiros anos do regime de Hitler. Jost sabia que tinha mentido enquanto esteve nos Estados Unidos, quando disse que “as autoridades nazistas respeitavam a liberdade de consciência, como questão de princípios, e que sua igreja desfrutava de completa liberdade religiosa”. [61] Mas ela achava que todos seus esforços e concessões ao regime nazista livrariam à denominação do fustigamento da Gestapo.

Por causa das conexões e ações de Jost, a denominação Adventista já não estava separada do Estado. Os Adventistas crêem na separação entre a igreja e o estado, mas Jost se opunha a este princípio. Ainda com todas as concessões feitas nos primeiros anos, os Adventistas não tinham nenhuma segurança de parte do governo nazista. Sacrificaram um princípio fundamental, separação entre a igreja e o estado, para nada. Sem segurança da parte do regime nazista, os Adventistas continuaram fazendo concessões ao regime.

4 - A Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial começou quando Hitler invadiu a Polônia em 1º de setembro de 1939. No ano anterior, os Adventistas tinham começado a eliminar “palavras judias” de sua denominação. As palavras Escola Sabatina já não eram permitidas e foram substituídas pelas palavras Escola Bíblica. [62]

Outra palavra que já não se permitia era “sábado”, que foi substituída pelas palavras “dia de repouso”. [63] Quando irrompeu a Segunda Guerra Mundial, o governo nazista emitiu uma ordem impedindo que os pastores recebessem ofertas na igreja ou de casa em casa. [64] Tinha uma evasiva nesta ordem, segundo a qual era permitido aos pastores “exigir quotas a seus membros”. [65] Isto permitiu aos pastores de pequenas denominações e às igrejas sobreviver no princípio da guerra.

Os Adventistas na Alemanha continuavam crendo em Hitler e no seu regime. As publicações no final da década de 1930 falavam de como Hitler estava fortalecendo a Alemanha e recuperando os territórios que uma vez tinham pertencido a Alemanha. Achavam que Deus mesmo estava a dirigir esta guerra e que os leitores das publicações Adventistas podiam consolar-se com isso. [66]

Michael Budnick, presidente da União da Alemanha Oriental, informou aos outros presidentes de conferência que Adolf Minck tinha sido citado pela Gestapo e que esta tinha informado-lhe que não trabalhar no sábado era uma conduta inaceitável. [67]

Os líderes da igreja achavam que, para que a denominação adventista sobrevivesse, era necessário dar instruções a seus pastores numa circular, em 30 de abril de 1940, dizendo que “em guerra total só pode haver completa entrega e completo sacrifício”. [68] O problema com a guerra total era que os dirigentes da igreja não queriam

outro cisma na denominação como o que tinha ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial. Para impedir isto, a circular também dizia aos pastores que instruissem a seus membros a respeito de seus deveres segundo as Escrituras. [69]

Uma das crenças fundamentais dos Adventistas é que as Sagradas Escrituras são a Palavra de Deus. O documento dizia que, baseando-se na Bíblia, os membros da igreja deviam submeter-se às forças armadas, porque “Deus tinha ordenado: ‘Submetei-vos a toda autoridade por amor ao Senhor’” [70], que era uma citação de 2 Pedro. Junto com 2 Pedro, os Adventistas alemães usaram Romanos 13 para justificar seu continuado apoio a Hitler e seu regime. Romanos 13 trata da submissão às autoridades governamentais.

O presidente da Conferência da Alemanha Oriental, W. Mueller, foi citado dizendo:

“Sob nenhuma circunstância nenhum adventista tem direito de resistir ao governo, ainda que o governo lhe impeça exercer sua fé. A resistência seria desafortunada porque marcaria aos Adventistas como opositores ao novo Estado, uma situação que tinham que evitar”. [71]

Isto mostra que os dirigentes alemães não queriam resistir ao governo nazista. Não queriam ser vistos como opositores do governo nazista. Era importante para os dirigentes não

causarem problemas ao governo nazista. Ainda que as políticas nazistas se opusessem às crenças denominacionais.

Os dirigentes adventistas alemães ignoravam ou esqueciam o fato de que se supunha que eles se submetessem primeiro a Deus e a sua autoridade antes de se submeter a uma autoridade terrenal.

A circular parecia ter funcionado, porque em 1940 o governo emitiu um relatório mencionando por nome as seitas religiosas às quais se lhes permitiria continuar trabalhando em paz porque se tinham limitado a ensinos religiosos. Os Adventistas do Sétimo Dia era uma das seitas mencionadas. [72]

Isto ainda não fez aos Adventistas se sentirem seguros e continuaram fazendo concessões ao regime nazista.

Em 1941, o governo alemão uma vez mais proscreveu a denominação Adventistas do Sétimo Dia, mas só em certos distritos do leste. [73] Estes distritos eram Silesia, Danzig, e Baixa Silesia. Isto causou alguma celeuma nas comunidades adventistas, mas não tinha nada que se pudesse fazer para rescindir a proibição.

Para seguir tendo reuniões, os Adventistas se reuniam em privado nos lares dos membros. [74] O S. D. notou que os Adventistas nestes distritos não prestavam atenção à proibição, mas se tomaram poucas ações contra os Adventistas. [75]

Os Adventistas alemães continuaram apoiando a Hitler e a seu regime até ao fim da Segunda Guerra Mundial. Os Adventistas serviram lealmente nas forças armadas, mas a maioria deles o fez como combatentes e escalaram posições dentro das fileiras. [76] Isto se opunha à crença denominacional de que, se os adventistas participam na guerra, deve ser em posições não-combatentes.

Os dirigentes da Igreja asseguravam: “Os pastores e os membros de nossa igreja permanecem leais a seu povo e a sua pátria, bem como aos dirigentes, e estão prontos a sacrificar sua vida e suas posses”. [77] Estavam dispostos a sacrificar suas vidas e suas posses pela pátria, mas não estavam dispostos a fazer o mesmo por suas crenças religiosas.

As políticas religiosas do regime nazista se opunham ao que os Adventistas crêem, mas os Adventistas não fizeram pública sua preocupação. Ademais, não fizeram públicas suas objeções sobre não haver liberdade religiosa na Alemanha nazista. Os Adventistas alemães podem ter servido lealmente a sua pátria, mas não serviram lealmente à denominação Adventista do Sétimo Dia.

5 - Após a guerra

Os adventistas alemães continuaram achando que tinham praticado o correto ao fazer concessões ao governo nazista. A sobrevivência da igreja era o mais importante para os

dirigentes Adventistas alemães e, para sobreviver, precisavam fazer concessões.

Só em maio de 1948 a Conferência Geral lançou uma vista mais de perto às ações dos Adventistas alemães durante o regime nazista. A razão pela qual a Conferência Geral se interessasse foi uma carta escrita pelo major J. C. Thompson, chefe da Seção de Assuntos Religiosos do Governo Militar Norte Americano em Berlim. [78]

A CARTA DESEJAVA SABER POR QUE OS ADVENTISTAS NÃO TINHAM REMOVIDO A TODOS OS NAZISTAS DE SUAS POSIÇÕES RELIGIOSAS DENTRO DA DENOMINAÇÃO. [79] Ademais, a carta comparava aos adventistas com os católicos, dizendo que os católicos não tiveram que tirar a muitas pessoas por causa de sua forte oposição ao regime nazista. Não tinha havido oposição de parte dos Adventistas.

Os dirigentes Adventistas alemães se molestaram com a Conferência Geral por ter ordenado aos membros que renunciassem a suas posições porque tinham ingressado numa uma organização nazista. Para sobreviver na Alemanha nazista, argüiram, a pessoa deveria ingressar em organizações nazistas.

Os dirigentes alemães achavam que a Conferência Geral não tinha nenhum direito de pronunciar julgamento sobre eles por suas ações durante o regime nazista. Estavam especialmente incomodados porque a Conferência Geral tinha "adotado e feito cumprir uma política que impedia a

publicação de qualquer comentário sobre o nazismo ou ainda do fascismo”, [80] para ajudar aos Adventistas alemães.

Aos Adventistas alemães não gostavam do fato de que eram considerados culpados quando a Conferência Geral lhes estava ajudando na sobrevivência.

A Conferência Geral se alarmara em 1939, quando calcularam que 10% dos Adventistas alemães estavam trabalhando no sábado. [81] O sábado é uma das coisas que definem à Igreja Adventista. Com o começo da Segunda Guerra Mundial, não tinha nada que a Conferência Geral ou os adventistas alemães pudessem fazer. Os Adventistas alemães tinham despachado uma circular dizendo a seus membros que se submetessem à autoridade do governo. Ainda que isto não satisfizesse as exigências do governo, foi usado como evidência no caso da Conferência Geral contra os Adventistas alemães. [82]

Havia várias discrepâncias que a Conferência Geral tinha com as ações dos dirigentes Adventistas alemães. A membresia numa organização nazista era preocupante, mas não o mais preocupante. A maior preocupação da Conferência Geral era que “a denominação se tinha extraviado em sua tentativa por se ajustar às exigências do Estado nazista”. [83]

A erosão da observância do sábado na Alemanha levou a Conferência Geral a aprovar uma resolução em 1946 sobre “A fidelidade e a observância do sábado”. [84] Os

Adventistas alemães ainda não estavam dispostos a admitir que se tinham equivocado. Ainda achavam que o que tinham feito era bom, porque tinha permitido a sobrevivência da denominação. Os dirigentes alemães não achavam que tinham comprometido nenhum princípio bíblico. [85]

O presidente da Igreja Adventista alemã, Adolf Minck, escreveu ao presidente da Conferência Geral, J. L. McElhany, dizendo que eles tinham obedecido a lei de Deus e os Dez Mandamentos. Também disse que eles “poderiam ter vivido o único e o outro mandamento de maneira um pouco diferente que em tempos de paz.

Mas esses mandamentos continuaram sendo santos para nós”. [86] Esta classe de raciocínio dos dirigentes Adventistas alemães tornava difícil para a Conferência Geral demonstrar que o que eles tinham feito era errôneo. Os dirigentes Adventistas alemães interpretaram as Escrituras para adaptá-las a sua situação. Achavam que o fato de trabalhar no sábado não significava que não o tinham santificado. Achavam que “as Escrituras e Jesus ensinavam claramente que a aplicação da lei, antes que absoluta, dependia das circunstâncias”. [87]

Suas circunstâncias eram ou trabalhar no sábado ou ir ao cárcere. Esta não era uma opção viável para os dirigentes Adventistas alemães. Os dirigentes Adventistas alemães nunca reconheceram que tinham cometido nenhum erro. Ia contra seu orgulho nacional e sua continuada racionalização de suas ações durante o regime nazista. [88]

Em conclusão, os Adventistas alemães conectaram a denominação Adventista com o Estado alemão, o qual se opunha a sua crença da separação entre a igreja e o estado. Fizeram isto ao permitir ao governo nazista assumir o controle do programa Adventista de assistência social e ditar suas políticas.

Supunha-se que os adventistas ajudariam aos necessitados, mas, em seu lugar, discriminaram aos grupos que mais precisavam sua ajuda. Recusaram ajudar aos judeus, os indesejáveis e os reformistas porque isto ter-lhes-ia causado problemas com o regime nazista. Os Adventistas defenderam o regime nazista e mentiram ao dizer que no regime permitia liberdade religiosa.

Em vez de falar contra o regime nazista e seu tratamento dos judeus, os Adventistas permaneceram em silêncio. Permaneceram em silêncio para se protegerem. Os Adventistas também trabalhavam e enviavam seus filhos à escola no sábado.

Santificar o sábado é uma das crenças que fazem diferentes aos Adventistas. Este é um dos princípios fundamentais dos Adventistas e, quando as coisas se tornaram difíceis, voluntariamente sacrificaram este princípio. Os Adventistas alemães voluntariamente foram combatentes durante a Segunda Guerra Mundial.

A denominação Adventista entende que os governos têm direito a recrutar pessoas em tempo de guerra, mas os

Adventistas sempre recusaram posições combatentes. Os Adventistas alemães opuseram-se a esta política e, voluntariamente, aceitaram posições combatentes.

Os Adventistas reformistas não estavam dispostos a sacrificar este princípio e foram enviados a campos de concentração ou executados. Para sobreviver, os Adventistas alemães sacrificaram os modelos e princípios que os faziam Adventistas.

Os dirigentes Adventistas alemães disseram que tiveram que fazer as concessões para salvar à igreja. São os modelos, os princípios, as crenças e a integridade os que constituem a igreja.

O sacrifício dos modelos, dos princípios e da integridade da igreja não salvou à igreja. Debilitou-a. Demonstrou-se até onde, para se salvar, estavam dispostos a ir os Adventistas alemães contra o que criam e ensinavam.

Penso que os dirigentes Adventistas alemães fizeram estes sacrifícios para se salvarem a si mesmos, não para salvar à igreja. Se tivessem desejado salvar à Igreja Adventista, os dirigentes alemães não teriam comprometido a integridade da igreja nem corrido contra as crenças da igreja. Sempre é mais fácil fazer concessões que conservar a integridade.

NOTAS: _____

[1] Christine E. King, *The Nazista State and the New Religions: Five Case Studies in Non-Confirmity*, (New York: Edwin Mellen Press, 1982), 92. <http://www.triangoloviola.it/kingcap7.html>

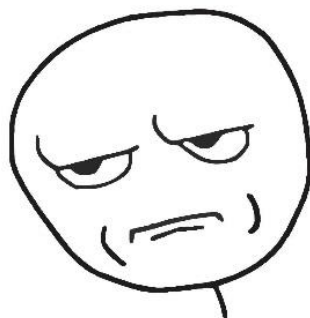
[2] *Seventh-day Adventists Believe... A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines*, Ministerial Association Geral Conference of Seventh-day Adventists, (Maryland: Review and Herald, 1988), 4. <http://www.adventist.org/beliefs/>

- [3] Seventh-day Adventists Believe, 16.
- [4] Seventh-day Adventists Believe, 206.
- [5] Seventh-day Adventists Believe, 278.
- [6] “Our History”, <http://www.adventist.org/history/> (24 February 2002).
- [7] Richard W. Schwarz and Floyd Greenleaf, *Light Bearers: A History of the Seventh-day Adventist Church*, (Nampa: Pacific Press, 2000), 212-213.
- [8] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 213.
- [9] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 213.
- [10] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 213.
- [11] *Seventh-day Adventist Encyclopedia M-Z*, ed. Dom F. Neufeld, (Maryland: Review and Herald, 1996), 592.
- [12] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 620.
- [13] King, *The Nazista State and the New Religions*, 110.
- [14] Citado de F. M. Wilcox, *Seventh-day Adventists in Time of War*, p. 58. “Origin of the Seventh-day Adventist Reform Movement. (6 de fevereiro de 2002).
- [15] “Origin of the Seventh-day Adventist Reform Movement”, (6 de fevereiro de 2002).
- [16] Erwin Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and The Nazista Temptation”, *Spectrum* 8 (Março de 1977), 12.
- [17] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 620.
- [18] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 620.
- [19] Schwarz, and Greenleaf, *Light Bearers*, 620.
- [20] King, *The Nazista State and the New Religions* , 110.
- [21] “Origin of the Seventh-day Adventist Movement”, (6 de fevereiro de 2002).
- [22] SDARM Good Way Séries-Study 13- The SDA Reform Movement Origin (14 February 2002).
- [23] Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and The Nazista Temptation”, 14.
- [24] Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and The Nazista Temptation”, 14.
- [25] King, *The Nazista State and the New Religions* , 96.
- [26] Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and The Nazista Temptation”, 15.
- [27] King, *The Nazista State and the New Religions* , 96.
- [28] King, *The Nazista State and the New Religions* , 96.
- [29] King, *The Nazista State and the New Religions* , 110.
- [30] Hans Fleschutz, ed., *And Follow Their Faith!*, (Denver: International Missionary Society), 19.
- [31] Roland Blaich, “Divided Loyalties: American and German Seventh-day Adventists and the Second World War”, *Spectrum* 30 (Winter 2003), 44.
- [32] Zdravko Plantak, *The Silent Church: Human Rights and Adventist Social Ethics*, (New York: St. Martin’s Press, 1998), 20.
- [33] King, *The Nazista State and the New Religions* , 101-2.
- [34] Roland Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad: The Case of Hulda Jost”, *Journal of Church and State*, vol. 35, number 4, Autumn 1993, (United States: J. M. Dawson Institute), 808.
- [35] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 807.
- [36] King, *The Nazista State and the New Religions* , 105.
- [37] King, *The Nazista State and the New Religions* , 105.
- [38] King, *The Nazista State and the New Religions* , 105.
- [39] King, *The Nazista State and the New Religions* , 105.
- [40] Adolf Minck, “Reformation”, *Jugend-Leitstern*, (April 1993), quoted by: Roland Blaich, “Health Reform and Race Hygiene: Adventists and the Biomedical Vision of the Third Reich”, *Church History*, Vol. 65, (Pennsylvania: Science Press, 1996), 427.
- [41] Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and the Nazista Temptation”, 16.

- [42] Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and the Nazista Temptation”, 16.
- [43] Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and the Nazista Temptation”, 19.
- [44] R. Sulzmann, “Erbkrank”, *Gegenwarts-Frage*, vol. 9, nr. 1, 1934, p. 8, quoted by: Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and the Nazista Temptation”, 19.
- [45] Blaich, “Health Reform and Race Hygiene”, 437.
- [46] Blaich, “Health Reform and Race Hygiene”, 427.
- [47] Blaich, “Health Reform and Race Hygiene”, 427.
- [48] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 809.
- [49] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 810.
- [50] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 811.
- [51] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 811.
- [52] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 811.
- [53] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 812.
- [54] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 820.
- [55] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 820.
- [56] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 820.
- [57] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 821.
- [58] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 823.
- [59] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 824.
- [60] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 824.
- [61] Blaich, “Selling Nazista Germany Abroad”, 827.
- [62] Jack M. Patt, *Living in a Time of Trouble: German Adventists Under Nazista Rule*, Spectrum 8 (March 1977), 4.
- [63] Patt, “Living in a Time of Trouble”, 4.
- [64] Patt, “Living in a Time of Trouble”, 7.
- [65] Patt, “Living in a Time of Trouble”, 7.
- [66] Blaich, “Divided Loyalties”, 44.
- [67] Roland Blaich, “Religion under National Socialism: The Case of the German Adventist Church”, *Central European History*, vol. 26, number 3, (United States Humanities Press, 1994), 270.
- [68] Mr. Blaich não diz de quem é esta citação, mas parece ser de G. W. Schubert ao Comitê da Conferência Geral, Fev. 7, 1937. Ou é da Circular aos Presidentes de Conferência da União Alemã Oriental, Mar. 27, 1940. Blaich, “Divided Loyalties”, 45.
- [69] Blaich, “Divided Loyalties”, 45.
- [70] Blaich, “Divided Loyalties”, 45.
- [71] “An unsere Gemeindeglieder in Deutschland”, *Der Adventbote*, vol. 39, nr. 17, August 15, 1933, pp. 1-4. quoted by Sicher, “Seventh-day Adventist Publications and The Nazista Temptation”, 15.
- [72] Patt, “Living in a Time of Trouble”, 7.
- [73] Blaich, “Divided Loyalties”, 45.
- [74] King, *The Nazista State and the New Religions*, 108.
- [75] King, *The Nazista State and the New Religions*, 108.
- [76] Blaich, “Divided Loyalties”, 47.
- [77] Blaich, “Divided Loyalties”, 47.
- [78] Blaich, “Religion under National Socialism”, 225.
- [79] Blaich, “Religion under National Socialism”, 225.
- [80] Blaich, “Religion under National Socialism”, 266.
- [81] Blaich, “Religion under National Socialism”, 270.
- [82] Blaich, “Religion under National Socialism”, 271.

- [83] Blaich, “Religion under National Socialism”, 274.
[84] Blaich, “Religion under National Socialism”, 274.
[85] Blaich, “Religion under National Socialism”, 275.
[86] Blaich, “Religion under National Socialism”, 275.
[87] Blaich, “Religion under National Socialism”, 275-6.
[88] Blaich, “Religion under National Socialism”, 280
(Os grifos são nossos).

1. Fonte em português:
<http://adventismoexposto.blogspot.com.br/2007/11/os-adventistas-do-stimo-dia-na-alemanha.html>
2. Fonte em espanhol:
http://www.oocities.org/alfil2_1999/adventistasenalemania2.html
3. Fonte original, em inglês:
<http://www.history.ucsb.edu/projects/holocaust/Research/Proseminar/corrieschroder.htm>
4. Veja também:
https://www.andrews.edu/library/car/cardigital/Periodicals/Spectrum/1976-1977_Vol_8/3_March_1977.pdf





Para nossa vergonha como adventistas do sétimo-dia, apenas os irmãos do Movimento da Reforma estão historicamente autorizados a contar o que aconteceu aos heróis da fé durante a 2ª Guerra Mundial. Veja:

1 - Perseguição sob o regime totalitário

Sob o governo nazista na Alemanha, a liberdade religiosa foi pouco a pouco suprimida. O Movimento de Reforma logo seria proibido. Nossos irmãos, principalmente os obreiros, seriam declarados fora da lei. As propriedades seriam confiscadas pelo Estado. Por isso, enquanto ainda havia oportunidade, em 1935, as propriedades da União Alemã foram vendidas. A casa da missão em Isernhagen, perto de Hannover, e a gráfica, que havia sido nosso principal centro missionário, tiveram de ser entregues a estranhos por baixo preço.

Equipamentos, móveis, arquivos e livros foram transferidos para uma casa alugada na vizinhança do antigo local da igreja. Ali os irmãos conseguiram trabalhar por apenas breve espaço de tempo. Vindo o esperado decreto da proibição, a polícia confiscou tudo o que encontrou na casa e lacrou as portas. Entretanto, recursos financeiros, documentos e literatura da União já haviam sido postos em segurança.

Por meio de uma ordem de 29 de abril de 1936, nossa igreja foi proibida de funcionar na Alemanha:

"Em base do decreto de 28/2/1933, parágrafo primeiro, assinado pelo presidente da República, para a proteção do povo e do Estado (Jornal da Lei Federal 1, pág. 83), a seita chamada 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma' está dissolvida e é proibida em todo o Território Federal. Suas propriedades deverão ser confiscadas. Qualquer infração deste decreto será punida de acordo com o parágrafo quarto do decreto de 28/2/1933.

[210]

"Razões:

"Sob o disfarce de promoverem atividades religiosas, os 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma' desejam alcançar objetivos que conflitam com a ideologia do Socialismo Nacional [nazismo]. Os seguidores dessa seita recusam-se a prestar serviço militar e a fazer a continência alemã. Declaram publicamente que não têm pátria, porque são de mentalidade internacional, e consideram todos os seres humanos irmãos. Visto que a atitude da seita tende a causar confusão, sua dissolução é necessária para proteção do povo e do Estado. Assinado por R. Heydrich."

Em 12 de maio de 1936, nossa União Alemã foi declarada "dissolvida" pela polícia secreta (Gestapo).

Depois de conselho mútuo, os líderes dos ASD Movimento de Reforma resolveram entregar uma petição escrita às autoridades solicitando audiência. No segundo encontro, no gabinete de Heydrich, nossos três irmãos ouviram que toda a questão dependia de nós. Perguntaram a respeito da nossa posição com referência ao serviço militar e à saudação alemã. Nossos irmãos responderam:

— Precisamos recusar saudação que envolva confissão política.

E quanto a matar, disseram:

— Seguimos as palavras de Cristo em Mateus 5:44: "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem."

Heydrich replicou:

— Então vos recusais por todos os meios a prestar serviço militar.

Nossos irmãos responderam:

— Atemo-nos à Palavra de Deus e devemos rejeitar as exigências que se chocam contra ela.

Nossos irmãos renovaram a petição e tiveram resposta em 12 de agosto de 1936:

"A exposição contida em vosso escrito de 27 de julho de 1936 não me dá razão para suspender a proibição da seita 'Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma'. Assinado R. Heydrich."

Sob o regime de Hitler todas as nossas atividades religiosas foram proibidas. Nossos jovens foram submetidos a severas provas quando chamados a portar armas, pois não havia previsão para proteger objetores de consciência. Os pais tinham de enfrentar problemas relacionados ao Sábado com os filhos em idade escolar. [211] Era provação sobre provação. Por dez anos, até o fim da Segunda Guerra Mundial, nossos irmãos trabalharam clandestinamente. Durante esse terrível tempo de angústia, muitos de nossos irmãos tiveram de enfrentar prisão e até morte.

A provação veio também sobre a Igreja ASD, porém eles encontraram solução fácil que nosso povo não pôde endossar. ...

Nesse ponto, a luz por nós recebida através Espírito de Profecia diz:

"Nossos irmãos não podem esperar a aprovação de Deus enquanto põem seus filhos onde lhes seja impossível obedecer ao quarto mandamento. Devem esforçar-se para fazer com as autoridades arranjos pelos quais as crianças sejam dispensadas das aulas no sétimo dia. Falhando isso, é evidente o seu dever — obedecer aos mandamentos de Deus, custe o que custar." —*Historical Sketches of the*

Foreign Missions of the SDA (Esboços Históricos das Missões Estrangeiras dos Adventistas do Sétimo Dia), pág. 216.

Quando a opressão religiosa na Alemanha alcançou o clímax, Deus interveio em favor de Seu povo. Após quase dez anos de proscricção e perseguição, nossos irmãos alemães ficaram gratos a Deus pelo fim da oposição em 1945 e pelo fato de poderem de novo respirar livremente e reunir-se em paz. Suas primeiras reuniões distritais, após a Segunda Guerra Mundial, foram realizadas em Solingen (14-15 de setembro de 1945) e em Esslingen (26-28 de outubro de 1945).

No periódico *Der Adventruf* (O Chamado do Advento) de dezembro de 1946, primeira edição, relataram:

[213]

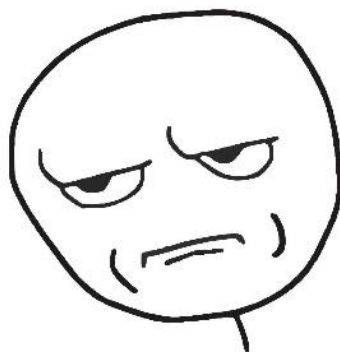
"Durante a guerra as experiências dos irmãos, de acordo com os seus testemunhos, mostram que o Senhor guiou Seu povo de maneira maravilhosa através de tempos trabalhosos. Tribulação, encarceramento e perseguição aproximaram os irmãos ainda mais uns dos outros. Louvamos nosso Senhor e Salvador por esse grande auxílio.

...

"Dez anos de opressão e perseguição ficaram para trás. O Senhor não consentiu em que Seu povo fosse aniquilado. ... Muitos irmãos perderam a vida por causa de sua fé: irmãos Hanselmann, Schmidt, Zrenner, Brugger, Blasi e muitos outros dos quais não fomos informados. Sabemos apenas

que permaneceram fiéis até a morte. Muitos, irmãos e irmãs, jovens e velhos, tiveram de sofrer em campos de concentração, prisões e penitenciárias, onde padeceram torturas em mãos de carrascos."

Que terrível dia será aquele em que os homens forem chamados a prestar contas do sangue inocente que derramaram! -- Copiado do livro *A História dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma*, págs. 209-213.





Narraremos a seguir algumas experiências individuais que mostram quanto nossos irmãos reformistas tiveram de sofrer, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial:

1 - Irmã "fraca na fé" delata missionários disfarçados

Gheorghe Panaitescu

O irmão Panaitescu trabalhava na Alemanha quando Hitler subiu ao poder em 1933. Contou-nos o que aconteceu a ele e a outros, de 1933 a 1939, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Sendo obreiro bíblico, era seu dever visitar nossas igrejas, grupos e membros isolados, com o presidente do Campo Setentrional, irmão Joseph Adamczak. Oficialmente não podiam ser missionários. Por isso viajavam como representantes de uma casa de sementes, vendendo também mudas de árvores frutíferas, hortaliças, flores, etc. Não conseguiram, porém, trabalhar por muito tempo dessa forma, pois foram delatados. Tiveram problemas sérios com as autoridades quando estas descobriram que o real propósito das viagens deles era fazer trabalho missionário em favor da igreja proscrita.

Embora nossos cultos fossem proibidos, os irmãos, de duas ou três famílias, reuniam-se aos Sábados em casas particulares. Certo Sábado tiveram excepcionalmente uma reunião maior. Quase 35 membros se congregaram na casa do irmão Adamczak, em Hannover, para celebrar a Ceia do Senhor e receber na comunhão um irmão recém-batizado. Tiveram naquele dia uma experiência que nos lembra a de Paulo, muitas vezes em perigo entre falsos irmãos.

Foram delatados por uma irmã "fraca" na fé. Em resultado, todos os [214] que se encontravam na reunião — dois ministros, o tesoureiro da União, vários obreiros, colportores e leigos — foram intimados a comparecer em juízo, em 9 de janeiro de 1937. Todos foram julgados e condenados à prisão: os ministros e o tesoureiro da União por um ano, os obreiros bíblicos e os colportores por seis meses, e leigos, inclusive a irmã Panaitescu, por dois meses.

Nessa época o irmão Panaitescu fugiu para a Suíça e, dali, emigrou com a família para a Argentina, onde passou a desfrutar liberdade religiosa.

2 - "O pior ainda está para vir"

Johann Georg Hanselmann

O irmão Hanselmann foi um de nossos líderes fiéis. Como delegado pela Alemanha, compareceu a todas as nossas assembleias da Conferência Geral realizadas antes de ser preso e morrer.

O Movimento de Reforma na Alemanha foi declarado ilegal em abril de 1936. Sendo assim, só havia uma possibilidade de nossos irmãos estarem em harmonia com a vontade de Deus: trabalhar clandestinamente e suportar as consequências. Por agir assim, o irmão Hanselmann, líder do nosso Campo Alemão Oriental, foi preso em setembro de 1936.

Em 27 de janeiro de 1937, a polícia secreta do Estado expediu o seguinte comunicado a respeito do irmão Hanselmann:

"Em relação às medidas de proibição tomadas contra líderes, ministros e colportores da Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma, o atual líder da Alemanha Oriental, Johannes Hanselmann, ... foi ... detido para investigação. ..."

Logo depois, foi expedido mandado de prisão em 23 de março de 1937, sob as seguintes acusações:

"Ele (Johann Hanselmann) dirigiu o carro através da Saxônia, Brandenburg, Pomerânia, Silésia e Prússia Oriental. Visitou os seguidores dessa seita, realizou estudos bíblicos, celebrou a Ceia do Senhor de acordo com o rito dessa seita proibida e recebeu dinheiro que havia sido arrecadado.

"O acusado diz também que, por princípio religioso, evita discussões seculares, e em todas as ocasiões dá livre testemunho da Palavra de Deus, conforme escrito na Bíblia."

Por esses "crimes" foi julgado e ficou preso até 2 de outubro de 1937.

Logo depois, foi preso novamente, julgado em Halle/Saale, acusado e sentenciado a dois anos de prisão, pelas seguintes "razões": [215]

"O acusado foi anteriormente ministro da seita dos 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma', proibida em todo o país em 29 de abril de 1936 por decreto do principal assessor da polícia secreta.

A referida seita, com sede em Isernhagen, separou-se da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a grande, em 1914, porque os adventistas, contrariamente a seus princípios de fé, permitiram a seus seguidores prestar serviço militar. Os reformistas entendiam que os adventistas não tinham autoridade para dar essa permissão aos membros.

O contraste entre adventistas e reformistas aumentou depois da revolução nacional. Enquanto os seguidores da Igreja Adventista do Sétimo Dia se resguardavam, sem exceção, em sujeição ao governo nacional-socialista, faziam a saudação germânica, matriculavam os filhos em organizações nazistas e prestavam serviço militar, os adeptos do Movimento de Reforma mantiveram os antigos princípios de fé. Sob o disfarce de movimento religioso, pretendem alcançar objetivos contrários à cosmovisão do socialismo nacional. Recusam-se, portanto, a servir no exército, não adotam a saudação germânica, não apóiam as

organizações nazistas, tais como NSV, RLB e WHM. São internacionalmente assim orientados, pois não reconhecem pátria e consideram todos os seres humanos irmãos.

"Os reformistas adotam o ponto de vista de que só podem obedecer à lei enquanto não contradisser a Bíblia, porque para eles importa mais obedecer a Deus que aos homens."

Findos os dois anos, o ir. Hanselmann foi novamente levado ao tribunal. Na noite anterior à última audiência, não conseguiu dormir. Estava aterrorizado. Perto do amanhecer, já muito exausto, finalmente adormeceu e sonhou que precisava atravessar escuridão espessa que lhe causou grande temor. Então ouviu uma voz que dizia: "Não temas, Johann, Eu estou contigo." Depois, despertou. Todo o temor desaparecera e sentiu-se encorajado a morrer pela fé.

O relógio de bolso e alguns pertences foram enviados para a esposa.

Numa carta a ela, escreveu resumidamente: "O pior ainda está para vir. Estou sendo levado para o campo de concentração de Sachsenhausen."

Em maio de 1942, a irmã Hanselmann recebeu o informe oficial de que o marido havia adoecido. Contraíra disenteria e morrera no campo de concentração. Um colega da prisão, relatou posteriormente que, por haver-se recusado a trabalhar no Sábado, o pastor Hanselmann, com as mãos amarradas para trás, foi levantado e sufocado até a morte.

3 - Declaração de renúncia de sua "fé louca"

Gottlieb Metzner

O irmão Metzner foi testemunha atuante em favor da mensagem de reforma. Conduziu várias almas a Cristo. Entre elas, o irmão Gustav Psyrembel, amado e corajoso batalhador da fé, um dos primeiros mártires do Movimento de Reforma.

Outra alma preciosa trazida por ele para a verdade foi a irmã Kiefer, cujo marido, terrivelmente irado, invadiu a casa do irmão Metzner com um machado, para matá-lo. A irmã Kiefer foi detida num Sábado. Foi lançada na prisão, e maltratada. Contudo, nada foi capaz de impedi-la de aceitar a verdade. Depois de libertada, selou a fé com o batismo. Em resultado disso, o nosso irmão tornou a sofrer: Em 1944 foi levado para o campo de concentração de Esterwegen, perto de Osnabrück. Como tivesse família grande, e também por outros fatores que foram levados em consideração, as autoridades o libertaram depois de seis meses.

Durante a ausência dele, os quatro filhos em idade escolar eram obrigados pela polícia a freqüentar a escola. A casa era investigada, e a família constantemente multada, o que acabou onerando pesadamente a escassa renda de sua pequena fazenda.

Esses métodos não desanimaram o casal, embora nosso irmão fosse muitas vezes intimado a comparecer a interrogatório judicial.

Em 1939 os filhos foram tirados com violência do lar e levados para outro lugar, a fim de receberem escolaridade. O irmão Metzner foi preso pela última vez em 19 de outubro de 1944. Na polícia secreta de Breslau, apresentaram-lhe uma declaração de renúncia de sua "fé louca". Garantiram-lhe que, assim que a assinasse, os quatro filhos receberiam permissão imediata para voltarem para casa.

Um policial ali presente relatou depois que o acusado havia declarado que havia muitos anos cria na Palavra de Deus, e agora via tudo cumprir-se. Percebia também o completo colapso do totalitarismo e não podia nem devia renegar a fé, nem negar a Deus. Esse foi o último testemunho que ouvimos do irmão Metzner. Como verdadeira testemunha de Cristo, permaneceu fiel até a morte na prisão. O único filho homem do casal também foi preso, e nunca mais voltou.

Apenas o coração de mãe seria capaz de suportar tragédia semelhante. Somente em 1945, quando o sistema ditatorial culpado de tamanhas crueldades veio abaixo, a Sra. Metzner pôde ter de novo em sua companhia as três filhas, através da maravilhosa direção de Deus. (Resumido e adaptado do livro *And Follow Their Faith* (Imitai-lhes a Fé), págs. 7 e 8).

[217]

4 - Traído por um ministro adventista diante do tribunal

Gustav Psyrembel

O irmão Metzner serviu como instrumento para que um jovem de Karlsmark, distrito de Brieg, conhecesse o Movimento de Reforma.

Estava surgindo o poder totalitário estatal na Alemanha e os militares exigiam que os cidadãos tomassem posição definida em defesa da pátria. Como resultado, o jovem Gustav Psyrembel, foi convocado.

Fazia pouco tempo que se havia casado, quando chegou a intimação para o alistamento. Psyrembel recusou-se a cumprir o dever militar por crer no Evangelho da paz anunciado por Cristo.

Declarou em termos breves e claros que se negava a participar de treinamentos de guerra por ser atitude incompatível com o espírito pregado no Sermão da Montanha. Tinha plena certeza de que todos quantos cressem no Evangelho deveriam estar unidos numa comunidade internacional, e que era sua tarefa "buscar e salvar o que se havia perdido."

Portanto, ao lado dos companheiros de fé, não podia, conscientemente, concordar com a participação na guerra sanguinolenta entre nações, nem com outras coisas referentes a ela.

Foi preso, e depois de infrutíferos esforços para mudar seu modo de pensar, foi levado perante a corte marcial em Berlim. Disseram-lhe que devia prestar contas de suas ações, não diante de um concílio de igrejas, mas da corte militar. Tentaram persuadi-lo de que todo homem deve obedecer ao governo.

Psyrembel corajosamente testemunhou que o reino de Deus não é deste mundo e, portanto, os seguidores de Cristo não podem lutar por reinos da Terra. Então apresentaram-lhe uma carta longa, escrita por um ministro adventista do sétimo dia, que recomendava a defesa da pátria como dever cristão. O jovem, de pé, perante o tribunal superior de guerra, traído por ministros da Igreja Adventista que o acusavam de ter pontos de vista errôneos, declarou firmemente que não podia servir a dois senhores.

Segundo suas convicções, somente a cristandade apostatada podia estar com a Bíblia numa das mãos e a espada na outra. Toda igreja que agisse dessa maneira não tinha a eficácia da piedade, mas apenas a aparência.

Psyrembel foi condenado à morte. Numa carta cheia de pormenores à esposa, expressou pesar ao saber que um ministro adventista, em carta dirigida ao tribunal, o havia traído e apresentado sob falsa luz sua posição. Nem essa traição o desanimou. Numa cela solitária, esperou o dia da execução da sentença.

Só Deus sabe que sentimentos passaram na alma desse soldado da cruz durante aqueles dias tenebrosos. Sua última carta mostra que o Espírito do Senhor [218] havia posto seus pensamentos acima de toda privação, sofrimento e necessidade. Seus olhos estavam dirigidos para cima, para além deste mundo em conflito com Deus. Ele possuía a certeza serena de que "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão", o que se cumpriu literalmente na História em 1945, cinco anos depois de sua morte.

As cidades onde ele foi prisioneiro por causa da fé, onde a corte militar o sentenciou à morte e seu sangue foi derramado, foram destruídas por um bombardeio. E nós, mais uma vez nos lembramos de que "tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Condensado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 9, 10, 13 e 14).

5 - Cada dia que surge pode ser o último para mim...

Eis as últimas cartas do irmão Psyrembel à sua esposa:

Berlim, NW 40, 12 de março de 1940

Querida ...

A paz do Senhor esteja contigo.

Aproveito esta oportunidade para escrever algumas linhas, porque cada dia que surge pode ser o último para mim. Portanto, não devemos ceder na hora da decisão. Este é o caminho certo, a verdade. Esta obra é de Deus, e Ele não

permitirá que pereça. É lamentável que muitos irmãos [na tríplice mensagem] se desviem do caminho certo, abandonem o Líder e Sua bandeira, separem-se dEle, comecem a duvidar de Seu divino amor e orientação, e O entristeçam.

Algum dia eles se arrependarão amargamente e reconhecerão seu erro, mas talvez seja tarde para sempre e não haja auxílio nem salvação. Não compreendem que estão traindo os que se apegam firmemente a Deus, tornando a batalha indizivelmente mais pesada. Quando um caso semelhante ao meu chega ao tribunal de guerra, [os oficiais] dizem:

"Os outros [adventistas] estão plenamente convencidos de que estão cumprindo o dever sem violar a consciência e sem violar os mandamentos de Deus. Por que você não faz o mesmo?"

É muito difícil em tal caso defender a verdade, explicar nossa posição para as autoridades e dizer que não podemos agir de outro modo. Fui repreendido outra vez por causa de minha "resistência ao ensino" e minha "obstinação". Esses [crentes transigentes], especialmente os ministros, têm conseguido enganar o povo.

Por meio de falsas representações da verdade, eles nos descrevem como criminosos e iludidos. Não contentes em evitar conflito e fugir das dificuldades, procuram também

justificar suas ações erradas mediante declarações e exemplos irrelevantes das Escrituras.

Percebi isso na longa carta de sete páginas, recebida de um ministro [219] que usou argumentos supostamente confirmados pelos *Testemunhos*.

Porém, nada disso nos deve abalar. A verdade continua sendo verdade, e o que é correto continua sendo correto. O futuro há de revelar de que lado está a verdade. ...

Na esperança de ainda nos encontrarmos, encerro esta carta. Que o Senhor esteja com você. Receba as cordialíssimas saudações e os beijos de seu extremoso marido.

Transmita as melhores saudações a todos os que sempre pensam em mim. Seu Gustav.

6 - Querida, amanhã serei executado...

Berlim, NW 40, 29 de março de 1940

Querida ...

Saudações com 2 Coríntios 4:16-18.

Acabei de saber que amanhã, dia 30, às 5:00 h da manhã, serei executado. Mais uma vez tive oportunidade de fortalecer-me com a Palavra do Senhor nesta última jornada. Trouxeram um Novo Testamento para eu ler. (Mas recebi

comida escassa). As porções de pão que nos dão aqui são minguadas, e, em geral, tudo é muito mais estrito do que em Plötzensee.

Tenho, porém, suportado tudo com alegria e paciência, pois conheço Aquele por quem faço todas essas coisas e sei que não sou o primeiro nem o único a ser contemplado com esse quinhão.

Diz o Senhor: "Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos Céus." "Levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima." Essas promessas preciosas são o que nos mantêm empenhados nesta batalha renhida, porém maravilhosa. O Senhor prometeu sua proteção e poder, e está pronto a concedê-los a seus filhos quando necessitarem. Tenho experimentado isso em todos esses anos de luta.

O Senhor seja louvado e exaltado! É Ele que me tem mantido sadio de corpo e alma e tem-me dado Sua alegria e Seu amor em grande medida. Ele não me deixará nesta hora extrema. Não devemos entristecer-nos, mas alegrar-nos ao considerar o privilégio de sofrer e morrer por sua causa.

"Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida." Ele prometeu e, com fé neste poder e salvação, partirei desta vida na esperança, meus queridos, de que nos veremos outra vez em Seu reino, para estarmos eternamente com Aquele que nos amou até a morte.

Ali viveremos na paz e felicidade imperturbáveis e inseparáveis pelas quais tanto ansiamos na Terra. Seremos como os que sonham e dificilmente compreenderemos a felicidade que será o galardão de criaturas pecadoras e indignas como nós, que merecem castigo e morte. Que precioso privilégio é saber e crer em tudo isso.

Quanto a você, querida esposa, não permita jamais que esse precioso tesouro [220] lhe seja tirado das mãos. Confie no Senhor em todas as circunstâncias da vida. Ele estará ao seu lado e nunca a deixará. Supere a dor e complete a carreira. Console-se e tenha bom ânimo.

Eu não desistiria desta fé nem por todo o mundo. Aquele que ama a Cristo jamais poderá deixá-Lo. O Senhor concederá êxito a todos os Seus filhos que se empenham em guardar os Mandamentos.

Será também consolo para você saber que não serei sepultado vivo. Espero que o Senhor a sustenha. Que Ele a abençoe e guarde. Que sobre você Ele ponha sua proteção e graça, e lhe conceda a paz! Este é meu último desejo e oração. Amém! Uma vez mais, e pela última vez, saudações sinceras de seu querido marido. Cordiais saudações à mãe e a todos os diletos irmãos e irmãs na fé, bem como a todos os parentes tanto do meu lado quanto do seu. Gustav Psyrembel. —*And Follow Their Faith*, págs. 10-13. -- Copiado do livro *A História dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma*, págs. 213-220.



1 - Condenado à morte por recusar-se a lutar na guerra

Anton Brugger

Informação obtida de Esther, noiva de Anton Brugger:

Batizado em Wörthersee (perto de Klagenfurt, Áustria), em 1922, Anton foi membro ativo e animado da Igreja da Reforma. Quando eclodiu a guerra em 1939, conseguiu fugir para a Itália. Esther o encontrou certo Sábado numa reunião da Igreja Adventista de Trieste. Brugger apresentou a Esther a verdade pregada pelo Movimento de Reforma, a qual ela transmitiu a outros. Com a ajuda de Deus, foram estabelecidos grupos reformistas em Trieste e Milão.

A Itália ainda não havia entrado na guerra. O irmão Brugger foi a Gênova, e tentou embarcar num navio para os Estados Unidos. Mas não foi isso que aconteceu. Durante curta escala em Milão, onde o irmão Müller estava instruindo um grupo na mensagem de reforma, Anton foi preso pela polícia e, depois de ser mantido sob custódia por um mês, voltou para a Áustria, então sob domínio alemão.

Na Áustria, com sinistro pressentimento, por vários meses foi padeiro. Um dia o receio se tornou realidade: Foi convocado. Tendo-se recusado a prestar serviço militar, foi levado ao tribunal em Salzburg, onde foi condenado a passar dois anos num campo de concentração.

Cumprida a pena, foi novamente recrutado. Recusando-se novamente, e dando claro testemunho da verdade presente, foi levado à corte marcial em Berlim, onde foi condenado à morte como objetor de consciência. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 40 e 41).

2 - Querida mãe, hoje é meu último dia...

Transcrevemos a seguir duas cartas de Anton Brugger, escritas na prisão de Brandenburg-Gört, em 3 de fevereiro de 1943:

[221]

Minha querida e estimada mãe:

Peço-lhe que, ao receber estas linhas de meu adeus, não fique abatida, mas que seja forte e tenha bom ânimo. Recebi sua última carta amável, a qual me trouxe grande conforto. Seus esforços bem-intencionados em favor de liberdade condicional provavelmente serão inúteis. Ainda que obtivesse resultado, seria tarde demais, porque hoje é meu último dia. Sim, a situação realmente se tornou séria. Às 6h00 horas desta tarde minha sentença será executada.

Ah!, querida mãe, meu coração sofre muito pela senhora, que ainda terá de passar esse terrível pesar. Embora eu deseje poupar-lhe tudo isso, não posso agir de outro modo. Tenho de obedecer a consciência.

Desejaria muito fazer feliz seu coração maternal, fiel, nos dias da sua velhice, embelezar e tranquilizar a sua vida. Mas já que este foi o decreto, não nos entristecemos. Recebamos pacientemente das mãos de Deus esse fardo. Como sempre passando necessidade, não nos foi concedido permanecer juntos por muito tempo nesta vida.

Por isso, querida mãe, conforte-se na bem-aventurada esperança de que algum dia estaremos juntos para sempre com o Senhor. Essa certeza e esperança é meu maior conforto e força nesta hora de severa provação. Sei que meu misericordioso e benevolente Senhor e Salvador Jesus Cristo, o fiel Deus que me redimiou e que tem estado conosco até agora, também me concederá força e poder para a derradeira e dolorosa caminhada.

Peço-lhe encarecidamente: não se desespere. Confie no Senhor. Ele será seu conforto e auxílio. Não a abandonará. Faça tudo quanto puder para servi-Lo, a fim de que possamos ver-nos outra vez.

Peço-lhe que faça esforços especiais para lançar fora o ressentimento contra quem quer que a tenha ofendido. Refiro-me especificamente aos parentes de Saalfelden.

Perdoe-lhes de todo o coração e esqueça todo o mal que fizeram. Lembre-se do que disse o Salvador.

Se não lhes perdoar as ofensas, não será perdoada. Deus nos trata como nós tratamos os semelhantes.

Peça a Deus que sempre lhe conceda força para vencer, e não desfaleça na luta contra o pecado. Então o Senhor lhe dará vitória.

Tenha sempre em mente que tudo está em jogo, mesmo a vida eterna, a qual só podemos obter se vencermos a nós mesmos e seguirmos o Salvador em Sua mansidão e humildade. Minha última súplica ao Senhor: que a senhora seja salva para o presente e para a eternidade.

Espero que tenha recebido também minhas cartas anteriores.

Tenho mais um pedido: Quero ser sepultado no cemitério municipal de Salzburg. Quando eu estiver lá, a senhora poderá visitar [222] de vez em quando o meu jazigo. Para isso, precisará enviar uma petição ao departamento da polícia distrital de Brandenburg-Havel, para que enviem para Salzburg a urna de seu filho que morreu em 3 de fevereiro de 1943, na prisão de Brandenburg. Então a urna será enviada ao departamento da polícia de Salzburg com o débito das despesas, que serão pequenas. Só depois disso será permitido o funeral.

Vá aos queridos Bliebergers e deixe que tomem informações na polícia de Salzburg. Façam todos os preparativos e realizem o último serviço de amor por mim. Que o Senhor abençoe grandemente a eles e a seus filhos!

Saúdo também a todos os queridos de toda parte. Que o Senhor os abençoe e guarde! Com o profundo amor de filho, saúdo-a na esperança de vê-la outra vez e a todos os nossos queridos na presença do Senhor. Beija-a o seu Anton. — *And Follow Their Faith*, págs. 48 e 49.

3 - Prefiro o castigo da morte, marcada para hoje...

Minha amada Esther, estimado tesouro:

Lamentavelmente não foi possível ver-nos novamente. Ah, como desejei mais uma vez contemplar o seu lindo rosto e dirigir-lhe algumas palavras. Guardo sempre comigo sua bela fotografia.

Na contracapa da minha Bíblia o seu retrato está diante de mim.

Agora tome a Bíblia como lembrança minha. Espero tenha recebido minha última carta. Quando for ter com minha mãe, ela entregará estas cartas a você.

Nunca nos passou pela mente que nosso encontro em Niederroden seria o último. Eu sempre tive pressentimento de que grave e severa provação estava reservada para mim. Se não lhe disse nada, foi para não amedrontá-la. O que eu

há muito receava e esperava acontecer tornou-se agora realidade. Ah!, quão alegremente eu desejaria viver para trabalhar e beneficiar os outros. Como seria bom trabalhar com você na prática do bem. Não poderia haver para mim felicidade mais completa do que essa.

Angustio-me só em pensar na tristeza de minha querida e boa mãe. Peço-lhe encarecidamente que cuide dela e a conforte. Ah!, eu sei que a você, igualmente, querida Esther, golpearei severamente.

Não desfaleça, porém. Antes, console-se no Senhor. Devemos receber com paciência das mãos dEle esse triste fim. Ele sabe o motivo por que nos permitiu sobreviesse tudo isso. Não há outro caminho a escolher. Não é possível, de acordo com a minha fé, tomar parte na guerra. Eu poderia ficar livre se apenas me submetesse a obedecer sem reservas a todas as ordens do governo, mas isso não posso [223] fazer sem conflito com a consciência.

Prefiro, portanto, sofrer o castigo da morte, marcada para hoje, 3 de fevereiro de 1943, às 6 horas da tarde. Embora seja penoso, o Senhor terá misericórdia de mim e me ajudará até o fim. Já que o desejo de nosso coração de estar unidos na Terra tornou-se agora impossível por essa realidade triste, devemos confortar-nos com a preciosa esperança de rever-nos no Senhor.

Confio na graça e na misericórdia do Salvador, que Ele me aceitará e graciosamente perdoará os meus pecados. Seja

também fiel ao Senhor Jesus. Ame-O e sirva-O com todas as forças. Não se assombre, antes, conforte-se. Depois da vinda do Senhor ninguém poderá mais nos separar, nem a dor poderá nos acometer.

Saudações de minha parte a todos os queridos. Meu coração tem estado sempre com eles. Transmita especialmente recordações minhas a seus queridos pais e dileto irmão. ...

Eu ficaria contente em ser sepultado na terra, mas todos os executados aqui passam pelo crematório. Já solicitei à minha mãe que peça permissão para sepultar a urna com minhas cinzas em Salzburg, pois esse é o melhor lugar. Espero não ter vivido em vão.

Agora, querida, amada minha, que o Senhor abençoe a você e aos seus queridos, e a proteja e ajude misericordiosamente para que possamos ver-nos outra vez para sempre ao lado dEle em Seu glorioso reino de paz. Amo você com ternura até o fim. Adeus, querida, Auf Wiedersehen! O seu Anton. — *And Follow Their Faith*, págs. 49-51.

4 - Encontrou um ministro adventista, soldado de Hitler

Arnold Seelbach

Certo dia em 1938, o irmão Seelbach, recém-liberto da prisão, caminhava meditando para a estação do trem.

Fazendo uma revisão de tudo quanto havia passado, parecia-lhe sonho estar de novo em liberdade.

Quantas vezes fora no campo de concentração posto junto à parede para ser fuzilado! Diariamente a vida estava em perigo.

Uma vez quiseram enterrá-lo vivo, contou ele. Além disso, não fazia muito, havia sido trancado numa cela gelada, tão escura que não podia ver as mãos diante dos olhos. Sobreviveu pela graça de Deus, apenas com uma porção de pão seco e água. Quão grande a alegria quando, no nono dia, o ferrolho foi corrido e a porta aberta. O acontecimento, porém, não durou muito.

Ao sair da cela horrível, que sentimento se apoderou dele ao ver 300 prisioneiros alinhados e 350 homens da SS, Schutzstaffel, guarda de elite dos nazistas, armados, junto ao portão! O comandante, de pé no meio do pátio, chamou-o pelo nome. Puseram-no sobre a mesa de tortura. Amarraram-no fortemente de pés e mãos, e a ordem do comandante teve de ser cumprida. [224]

Dois homens da SS, brandindo chicotes de açoitar cavalo, golpearam-no 15 vezes nas nádegas e nas costas até deixá-lo quase sem vida. Enquanto se contorcia de indescritível dor, eles o lançaram novamente na cela horrível. Sozinho, sem apoio humano, permaneceu ali sobre o pavimento frio de pedra. Nenhuma palavra de conforto lhe foi dita. Os homens da SS lhe entregaram uma corda com o lembrete

de que jamais sairia vivo daquela masmorra. Permaneceu na cela escura por 21 dias.

O sofrimento parecia haver acabado. Assim pensava. Estava livre de novo. À distância, contemplava a estação ferroviária. Seria sonho? Beliscava a mão e o rosto para se certificar de que não estava dormindo. Não, não era sonho. Era realidade. Às 2 horas da madrugada chegou a casa. Reunião de família! Que alegria!

Triste é dizer, a alegria não durou. O laço de família mais uma vez foi quebrado. No dia 2 de novembro de 1938, o irmão Seelbach teve de apresentar-se novamente para cumprir exigência governamental contrária à sua convicção. Havia apenas uma coisa a fazer: permanecer leal a Deus, custasse o que custasse.

Em 24 de outubro ele deu adeus a tudo quanto lhe era mais querido.

Ah! quão difícil foi, conforme conta, especialmente quando apertou a mão trêmula do pai e da mãe pela última vez. Viu seus lábios se moverem e, embora não tenha ouvido nenhum som, compreendeu o que desejavam dizer. Uma vez mais acenou à distância para o lar. Quando o veria de novo? Pensou.

Obscuro e incerto era o futuro. Após longa jornada, chegou à fronteira de Luxemburgo. À frente estava o rio Sauer. Às

11h30m da noite pôs os pés na água gelada. As rochas eram muito escorregadias.

A corrente era tão forte que sentiu não seria capaz de suste-se. A bagagem que levava ficou encharcada, mas ele sentiu-se feliz em poder alcançar a outra margem. Em seguida, agradeceu ao Pai celestial, que o havia ajudado a cruzar a fronteira para Luxemburgo.

No dia seguinte passou, outra vez ilegalmente, para a fronteira da França. Que sensação de temor lhe sobreveio quando viu um oficial da polícia dirigindo-se para ele. Clamou a Deus por auxílio. E que sucedeu? O policial virou-se e seguiu para outra direção.

Na França o irmão Seelbach experimentou realmente a promessa de Mateus 19:29: "E todo o que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe ... por amor do Meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna." Sim, ali foi recebido de maneira tão cordial que não conseguia ser grato a Deus o tanto quanto a alma pedia. [225]

O Diabo, porém, não queria que gozasse paz e alegria. Onde quer que se estabelecesse, alguém o delatava. Mas o Senhor o ajudava de tal maneira que, poucas horas antes de a polícia chegar, ele estava num lugar diferente.

Finalmente, foi obrigado a deixar a França e fugir para a Holanda, em maio de 1939, passando por Luxemburgo e

Bélgica. Em 29 de dezembro de 1939, todos os refugiados alemães, e também o irmão Seelbach, foram confinados num campo de concentração.

Em 14 de maio de 1940, passaram momentos terríveis quando os alemães se apoderaram desse campo com 350 judeus e 25 desertores. Imediatamente os desertores foram fuzilados. O irmão Seelbach também foi condenado à morte. Mas um milagre aconteceu. O Deus onipotente possibilitou-lhe a fuga.

Depois de escapar do campo de Hoek, na Holanda, em 18 de maio de 1940, ficou escondido em casas de irmãos da fé. Entretanto, o Diabo, não estava contente. Novamente uma traição. Enviaram um bilhete anônimo à polícia. Outra vez Seelbach foi caçado como fera. Assim continuou mês após mês, muitas vezes obrigado a esconder-se por dias e noites em florestas e cavernas sob frio rigoroso.

Quando as tropas inglesas lutavam para libertar a Bélgica em setembro de 1944, a tempestade desencadeou mais violentamente sobre a Holanda. Por toda parte os homens da SS rastreavam a região à procura de vítimas para abater.

A fim de não cair nas mãos desses algozes, no derradeiro minuto, através da linha de fogo, nosso irmão escapou para a Bélgica em 14 de setembro de 1944. Então, contra sua expectativa, foi detido pelos ingleses. Mas o Senhor o confortou com João 13:7: "O que Eu faço, tu não o sabes agora; mas depois o entenderás."

Embora a princípio ficasse triste, depois de todas essas lutas, alegrou-se, pois lhe foi permitido ser testemunha de Cristo. Com freqüência conseguia proclamar a mensagem de Deus para estes últimos dias para 300 ou 400 homens.

Certa vez o auditório chegou a mais de mil pessoas quando falou sobre o tema "Que nos trará o futuro?" Muitos, chorando, levantaram as mãos, prometendo a Deus aceitar a verdade. Três começaram a guardar o Sábado quando nosso irmão ainda se encontrava ali.

No campo de internamento, o irmão Seelbach encontrou também um conhecido ministro da denominação Adventista, que, sendo soldado de Hitler, ali estava como prisioneiro de guerra. Ele cria na vitória final do "Führer", mas então decepcionado, tinha vergonha de si mesmo. [226]

Após 15 meses de internamento, o irmão Seelbach foi convocado para uma audiência. O Diabo insistia em trabalhar contra ele, pois o oficial encarregado, que tinha autoridade para libertá-lo, não queria examinar as evidências de sua inocência. Em vista da situação, a igreja começou a orar fervorosamente em favor desse irmão.

Ele também passou uma noite inteira lutando com Deus em oração. Na manhã seguinte, foi mais uma vez convocado para audiência. Cheio de fé, recorreu ao Pai celestial e suplicou ajuda. Que aconteceu? Sem dizer palavra, libertaram-no. O irmão Seelbach encerrou seu relato

exclamando: "Bendito seja por toda a eternidade o nome de Jesus de Nazaré!"

5 - A Gestapo exigiu o endereço de todos os irmãos

Alfred Münch

Certo dia, numa campanha de colportagem, o irmão Hans Fleschutz vendeu o livro *Auf Gottes Wegen* (Nos Caminhos de Deus) a uma senhora idosa de Hassloch. Quando soube que ele era adventista, perguntou se conhecia o irmão Münch. O colportor respondeu que conhecia a esposa e os filhos dele. Ela então quis saber onde Münch se encontrava. Fleschutz contou que o irmão Münch houvera sido mártir por sua fé num campo de concentração.

Ao ouvir isso, lágrimas surgiram-lhe nos olhos. Trinta anos antes o irmão Münch ministrara uma série de estudos bíblicos àquela senhora. Enquanto o irmão Fleschutz descia a rua, continuou pensando no irmão Münch, que muitos anos antes trabalhara naquela mesma rua, visitando casa após casa, e agradeceu a Deus porque tinha dado a esse querido irmão força para perseverar até a morte.

Transcrevemos a seguir uma carta da irmã Münch, de 4 de outubro de 1964, relatando o que ela e o marido sofreram sob o regime totalitário:

Meus prezados irmãos e irmãs no Senhor!

Paz seja com todos!

Passo a relatar minha experiência aos amados crentes que travaram o combate de boa consciência, na Alemanha, durante o regime de Hitler. Em primeiro lugar, dou honras e louvores a Deus, que tão maravilhosamente nos sustentou em todos os dias dessa ardente provação.

Certamente, os irmãos ouviram muitas experiências sobre nossos irmãos encarcerados durante as duas guerras mundiais, mas desejo agora falar das experiências pelas quais nós, irmãs, tivemos de passar. Era comum, no passado, pensar que, sendo [227] mulheres, não iríamos tão facilmente para a prisão. Eis porque o golpe nos foi duplamente severo. Tornou-se mais severo ainda quando, em momento crítico, irmãos apostataram e, ao renunciarem a fé, tornaram nossa carga bem mais pesada.

Em nossa vila havia uma mulher interessada na verdade, que nos visitava com freqüência, cujo marido era membro da SA (Sturmabteilung). Ele ficou tão furioso com essa visita que denunciou o caso ao partido. Meu marido logo foi preso e levado embora, enquanto meus filhos, que tinham então dez e cinco anos, ficaram chorando de maneira tão sentida que quase partiu o meu coração. Durante quase duas semanas mal pudemos comer. A Gestapo mandou que eu fornecesse os endereços de todos os irmãos.

Como eu me recusasse a colaborar, deixaram-me este recado:

"Ficaremos com seu marido até que nos forneça os endereços."

Isso aconteceu em novembro de 1936. Em 19 de abril de 1937, fomos julgados no tribunal especial em Mannheim. Éramos 15. Todos fomos condenados. O líder de nossa igreja e meu marido receberam a pena mais longa: sete meses. ...

Nosso castigo foi a cela solitária. A guarda do Sábado e o alimento servido na prisão causaram nova luta. Não tendo trabalhado nove Sábados durante os dois meses que ali passou, meu marido ficou 26 dias em confinamento. Recebeu apenas pão e água e foi deixado numa cela mais escura com apenas um banco de madeira para dormir.

Para as irmãs, eles abrandaram as circunstâncias. Por eu não trabalhar no Sábado, recebi dois dias de confinamento numa cela mais escura. Tiraram de mim o avental, sapatos, grampo de cabelo, etc. Queriam, assim, evitar possíveis tentativas de suicídio. Isso foi no Sábado e no domingo.

Agora, meus queridos irmãos e irmãs, como pensam que eu me sentia? Maravilhosamente bem! A gente se acostuma a tudo. Como não fosse permitido cantar em voz alta, eu cantava baixinho: "Tenho paz em meu coração, e isso me faz feliz", e outro cântico: "Rompendo laços com todas as coisas terrenas e enchendo-me das coisas eternas, encontro aqui a bendita paz que satisfaz o anseio da alma."

As lutas por que passei, apesar de cruéis e severas, foram maravilhosas. Era difícil resistir o poder das autoridades. Porém, por nada eu perderia essas experiências. Quando fui presa pela primeira vez, a supervisora xingou-me terrivelmente ao descobrir que eu pertencia aos adventistas. Disse-me que no Sábado havia trabalho a fazer, e que eu tinha de obedecer ou nunca mais voltaria para casa. Fiquei tão deprimida que palidez mortal tomou conta de mim. Fui dominada pelas lágrimas. Então [228] ela disse: "Mais duas de vocês estão aqui, e são as melhores pessoas da prisão". Então o Sol voltou a brilhar e meu coração se alegrou.

Permaneci decidida, dizendo calmamente para mim: Eu também pertencço a esses crentes. Ela não me verá desistir do Sábado.

Semanas depois, diante da minha firmeza, a supervisora disse:

— Vocês são verdadeiros comunistas!

Respondi:

— Senhorita Böhler, desde quando os comunistas crêem em Deus?

Saiu sem responder. Desde então, nem ela nem mais ninguém me perturbou. Só aos Sábados vinha para me tirar da cela. Terminando a minha pena, embora em circunstâncias difíceis, sob vigilância policial, meu marido e eu pudemos estar juntos outra vez.

A luta recomeçou quando, no início de 1939, ele recebeu convocação para o serviço militar. Embora tenha recebido seis ordens para comparecer, ele as ignorou. Em março de 1940 foi preso novamente. A alegação foi: não respondia à saudação nazista. Depois de passar dois meses na prisão aguardando julgamento, foi levado ao campo de concentração de Dachau. Suportou tudo heroicamente.

Às vezes escrevia para mim, e eu podia ler nas entrelinhas qual era o seu estado. Se escrevia, por exemplo, "espero que passe logo a severidade do inverno", eu sabia o que essas palavras queriam dizer.

De Dachau ele foi transferido para o campo de concentração de Neuengamme, perto de Hamburgo. Dali escreveu cartas cheias de alegria no Senhor, pois sempre esperava reencontrar seus entes queridos.

Em toda carta a principal preocupação era com os filhos. Recebi a última correspondência dele no fim de fevereiro de 1945, pouco antes de os norte-americanos marcharem contra Mannheim. Nossa esperança e a dele, de estarmos juntos, acabou quando não vieram as notícias que esperávamos.

Nunca recebi informe oficial. Em 1948 fiquei sabendo, por meio de um homem que supostamente estivera com ele até o fim, que morrera de inanição. A eternidade revelará.

Que o Senhor me dê forças para suportar até o fim e então experimentar a bendita promessa de 1 Tessalonicenses 4:16-18. ...

Saúdo a todos cordialmente como co-peregrina em demanda de Sião. Irmã A. Münch, Mannheim. —*And Follow Their Faith*, págs. 34-36.

A irmã Münch, que dormiu no Senhor em novembro de 1965, escreveu em sua última carta: "Deponho tudo nas mãos do grande Médico. O caminho no qual Ele nos conduz é bom. Agradeço a Ele somente, pois me tem conduzido maravilhosamente e tem cuidado de mim. Estou certa de que Ele continuará a fazer isso até o fim de [229] minha vida. Que Deus vos abençoe! Esse é o desejo de vossa sempre agradecida irmã Muench, que vos ama." (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 37).

6 - Rapaz de 16 anos recusa-se a portar armas

Leander Zrenner

Do *Noticiário Vespertino de Munique*, de 25 de abril de 1955:

"Dezesseis anos atrás o pai de Zrenner foi executado como objetor de consciência. O filho também jamais pegará em arma de fogo!

" 'Causa da morte: Execução'. É o que está escrito no atestado de óbito do pai, que o objetor de consciência de 19 anos de idade, Werner Zrenner, recebeu. No verão de 1941,

um tribunal militar condenou o pai à morte por sua recusa em prestar serviço militar. Em 9 de agosto, o assistente e soldado Leander Zrenner caiu diante de uma rajada de balas em Brandenburg/Havel. O homem, profundamente religioso, pagou com a vida sua convicção contrária ao serviço militar. Adventista devoto, declarou que nunca apontaria armas contra alguém.

"Ontem, 24 de abril de 1955, dezesseis anos depois, o filho de Zrenner compareceu à Comissão Examinadora dos Objetores de Consciência no Departamento de Serviço Seletivo, Munique 1. A exemplo do pai, ele também se recusou a portar armas. Jamais será obrigado a fazer isso. A Comissão o declarou objetor de consciência. 'A vida humana é intocável; portanto não posso conscientemente matar pessoas inocentes', declarou Werner Zrenner diante dos membros da Comissão Examinadora. 'É provável que eu tenha de suportar as conseqüências que meu pai sofreu 16 anos antes.'

"Além da mãe, três pessoas testemunharam em favor do jovem. Declararam com unanimidade que Zrenner, antes de entrar em vigor o alistamento geral, se expressara contra o porte de armas. O presidente da Comissão Examinadora, advogado Friedl Fertig, disse ontem: 'A morte violenta do pai foi a razão das conclusões do rapaz acerca dos prós e contras do dever militar.' Os membros da Comissão reconheceram a opinião de Zrenner baseada em suas convicções de consciência." — *And Follow Their Faith*, págs. 37 e 38.

Como a liberdade religiosa, o mais importante de todos os direitos humanos, foi instituída na Alemanha Ocidental após o fim da Segunda Guerra Mundial, Werner não teve a mesma condenação do pai.

7 - Viúva morre após torturas em Auschwitz

Maria Maritschnig

Viúva de um alfaiate. Morto o marido, a oficina passou a ser administrada pelo irmão Ranacher. No lar da irmã Maritschnig, esse [230] irmão conheceu a verdade pregada pela Reforma, a qual aceitou de todo o coração. Sob instigação dos parentes dele, as autoridades acusaram a irmã Maritschnig de o ter induzido a aceitar a fé. Ela foi levada ao tribunal. Durante o julgamento, foi tratada com tanta aspereza que desmaiou e teve de ser carregada para fora da sala. Certos de que ela tivesse sido levada para o hospital, os crentes foram para lá. Equivocaram-se. Chegou a notícia de que havia sido transferida para Munique. Depois de torturas cruéis, foi levada para o infame campo de concentração de Auschwitz, onde faleceu. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 38 e 39).

8 - Muitos outros mártires

Dr. Alfred Zeyhs

Esse irmão foi lançado na prisão e, espancado, teve graves hematomas. Recusou-se a violar a Lei de Deus. Por

permanecer inflexível em sua posição, foi transferido para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde depôs a vida em 1940. A esposa e três filhos sobreviveram. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 33, e de um artigo publicado na revista *Der Adventruf*, dezembro de 1946).

Willi Thaumann

O irmão Thaumann conheceu a verdade através da colportagem. Tinha uma loja de ferragens. Caráter puro e sincero, vivia à altura da verdade, sem fazer concessões. Vendo que era seu dever confessar a fé publicamente, apesar das bem-intencionadas advertências de um amigo policial, continuou fechando o comércio aos Sábados. Na porta da loja, havia uma tabuleta com o mandamento do Sábado. Por sua fidelidade ao quarto e sexto mandamentos, foi levado ao campo de concentração de Oranienburg, onde foi martirizado em 1941. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 33).

Três irmãs russas

Entre os operários que foram levados à força da Rússia para a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, havia três jovens russas que se demonstraram heroínas da fé ao serem provadas com respeito ao quarto mandamento. "Faremos

em cinco dias o trabalho que nos foi incumbido", disseram ao oficial do campo. Realmente fizeram mais que isso. Ninguém era tão elogiado pela diligência no trabalho como aquele pequeno grupo de crentes. Satanás, porém, não estava satisfeito. Naqueles dias o lema era: "Trabalhar! Trabalhar! Trabalhar! Na guerra, temos de vencer." [231]

Os trabalhadores gritavam cheios de inveja: "Se essa gente pode ter dois dias livres, nós também exigimos os mesmos privilégios." Eles se referiam ao Sábado e domingo.

Grave crise pessoal era iminente para aquelas irmãs.

O capataz tentou apaziguar os ânimos, dizendo que elas realizavam trabalho melhor, completando as tarefas de seis dias em cinco.

— Nós também podemos fazer isso, gritaram.

Então o capataz dirigiu-se ao pequeno grupo de crentes:

— Estão vendo? Não posso fazer nada. Vocês terão de trabalhar aos Sábados também. Caso contrário, fuzilamento! Estamos em guerra, e atitude como a de vocês, é considerada sabotagem contra a nação.

Nuvens de ansiedade pairaram sobre aquelas irmãs fiéis. No Sábado seguinte o capataz ficou furioso ao surpreendê-las num estudo bíblico. Disse-lhes:

— Vocês sabem quanto as aprecio. Se dependesse de mim, seriam dispensadas no Sábado. Estimo o bom trabalho que fazem, mas vejam o tumulto entre os trabalhadores. Além disso, a impressão é de que eu protejo os judeus. Peço-lhes o favor de trabalhar.

A resposta foi:

— Não podemos pôr os mandamentos de Deus abaixo dos preceitos dos homens. Se nosso Salvador quer que morramos, estamos prontas. Ele morreu primeiro por nós.

Como não cedessem, foram castigadas. Depois tornaram a perguntar se ainda continuavam com a mesma opinião. Recusando-se a mudar de conduta, declararam firmemente que preferiam morrer a ser separadas de Cristo. Seguiu-se uma cena da Idade das Trevas: foram açoitadas impiedosamente nas costas nuas até sangrar. Quando voltaram para a cela, uma lavou as feridas da outra e louvaram a Deus que as julgou dignas de sofrerem pelo nome de Jesus.

Depois de outra semana de trabalho, nova provação, maior que a anterior. O capataz encontrou-as novamente lendo a Bíblia, conforme seu costume.

— Hoje é a última oportunidade para vocês. Não acreditam que serão fuziladas?

— Sim, sabemos. É o que prevemos. Porém, nada temos a perder deixando este mundo. Além disso, nossa consciência diz que não merecemos ser maltratadas.

As três foram alinhadas diante da metralhadora. O major começou a contagem regressiva. Vendo que as irmãs continuavam inflexíveis, sem vacilação, o major fez alto e disse: "Deixem que guardem o Sábado. Jamais vi coisa semelhante."[232]

Depois disso, sempre que aquele homem tinha oportunidade, e não era vigiado, vinha ao culto sabático e ficava alguns instantes com as irmãs crentes. Além disso, com freqüência lhes trazia alimento extra. Elas disseram que não tinham sentimento de ódio nem vingança contra aquele homem. Ao contrário, chamaram-lhe a atenção para o amor de Deus e Suas obras maravilhosas, o plano da salvação, e a tríplice mensagem de Apocalipse 14. Só Deus sabe o que aconteceu a ele depois disso.

Muitos outros

Além desses mártires, houve muitos outros, durante a Segunda Guerra Mundial, que sofreram injustiça, perseguição e morte. Ernst Körner foi torturado até a morte no campo de concentração de Sachsenhausen em 1944. Robert Freier foi martirizado num campo de concentração em 1940. Certo irmão Hermann foi declarado morto na prisão de Breslau (1941?). Josef Blasi foi torturado até a

morte no campo de concentração de Mauthausen em 1943. O irmão Ranacher foi sentenciado à morte por um tribunal militar durante a guerra. Esses também pertencem à longa lista dos heróis da fé.

Uma reportagem publicada no *Völkischer Beobachter* (Observador Popular), Áustria, deu informações adicionais sobre a perseguição cruel a que nossos irmãos foram submetidos. Diz o informe:

"Distrito de Kaernten,

"Klagenfurt, 20 de agosto de 1943

"Dez Anos Para Refletir na Penitenciária

"Adventistas no Serviço dos Oponentes

"Relatos Pessoais do *Observador Popular*

"Foram acusados perante no tribunal especial de Klagenfurt [Josef] Blasi, de 48 anos, e Maria Krall, de 48, ambos de St. Donat. Matthias Weratschik, de 37 anos, e a esposa Maria, de 28 anos, de Tiemenitz. Sob a influência da loucura adventista, os quatro recusaram-se a portar armas, citando textos da Bíblia na tentativa de levar à resistência compatriotas alistados. ... Esses queriam deixar a defesa da pátria ao cuidado do Senhor Deus. Para evitar piores calamidades, tais elementos transviados devem ao menos, durante a guerra, ser mantidos onde não possam causar dano. O tribunal especial os declarou culpados. Josef Blasi

foi sentenciado a dez anos de prisão. Os outros três foram condenados apenas pelo crime de terem incorrido no parágrafo terceiro da Lei de Proteção das Defesas do Povo Alemão, porque se opuseram à lei mediante atitude [233] e antimilitarista. Assim, Maria Krall foi condenada a cinco anos. Matthias e Maria Weratschik foram condenados a dois anos na penitenciária." (Citado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 52). -- Copiado do livro *A História dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma*, págs. 220-233.

Religião é Simplesmente a Manipulação de Idiotas

MANIPULAÇÃO

